**Uma imagem com comida

Os conteúdos gerados por IA podem estar incorretos.**

**Ritos Iniciais**

**Procissão de Entrada | Cântico de Entrada | Saudação Inicial | Monição inicial**

P. Outubro é o mês missionário e é o mês do Rosário. Somos desafiados pelo Papa Leão XIV a intensificar, neste mês, a oração do Rosário pela Paz. A oração é a primeira ação missionária e, ao mesmo tempo, «a primeira força da esperança». Hoje o Evangelho recolhe-nos uma prece fundamental, que deve ressoar do mais profundo do nosso coração: “Senhor, *aumenta a nossa fé”* (*Lc* 17,5)*.* Talvez esta oração deva ser dita e traduzida, hoje, por nós, de uma outra forma: *“Senhor, dá-nos um pouco de fé e isso nos basta”!* O Senhor prefere a fé humilde e serviçal dos pequeninos à fé arrogante e soberba dos que se julgam donos de Deus. Que a frescura da Palavra, o Pão da Eucaristia, a e o contágio do testemunho nos ajudem a crescer na pouca fé, na fé pequenina, na fé dos mais pequeninos.

**Ato penitencial**

P.Pelas vezes em que tivemos medo e vergonha de Vós e do Vosso Evangelho, Senhor, tende piedade de nós**!**

R.Senhor, tem piedade de nós.

P. Pelas vezes em que desanimámos de percorrer o Vosso caminho, Cristo, nós Vos pedimos:

R.Cristo, tem piedade de nós.

P.Pelas vezes em que os nossos sofrimentos nos levaram a duvidar do Vosso amor, Senhor:

R.Senhor, tem piedade de nós.

**Hino do Glória | Oração coleta**

**Liturgia da palavra**

**HOMILIA NO XXVII DOMINGO COMUM C 2025**

«*Aumenta a nossa fé*!» (Lc 17,6). Jesus responde a este pedido, com duas imagens desconcertantes: a do *grão de mostarda* e a do *servo disponível*. Vamos a isso:

**1.** «*Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a essa amoreira: “Arranca-te daí e planta-te no mar e ela obedecer-vos-ia*» (Lc 17, 6). A amoreira é uma árvore forte, bem enraizada na terra e resistente aos ventos. Ora, a fé, ainda que pequena, pode ter a força de arrancar uma amoreira e depois transplantá-la no mar, o que é algo ainda mais improvável! A mensagem é clara: nada é impossível para aqueles que têm fé, porque estes não confiam nas suas próprias forças, mas põem a sua confiança em Deus, que tudo pode. Por isso, dizia Paulo a Timóteo: “*Sofre comigo, pelo Evangelho, confiando no poder de Deus*” (2 Tm, 1,8). Quem acolhe o dom da fé é habitado por uma força, que não é apenas humana; com efeito, a fé desencadeia a graça e abre a nossa mente ao mistério de Deus. A fé, comparável ao grão de mostarda, é uma fé que não é soberba, nem autoconfiante**;** não pretende ser a de um *grande crente*, que incha de orgulho, como se fosse um campeão desta virtude! É uma fé, que na sua humildade, sente uma grande necessidade de Deus e na sua pequenez abandona-se com plena confiança a Ele. É também a fé que nos dá a capacidade de olhar com esperança, para os altos e baixos da vida, que nos ajuda a aceitar até mesmo as derrotas e os sofrimentos, sabendo que o mal e a morte não terão a última palavra. Por isso, a fé é o primeiro dom a receber na vida cristã. Quando fomos levados à pia batismal, os nossos pais, depois de terem anunciado o nome que tinham escolhido para nós, foram interrogados pelo ministro do Batismo: «*O que pedis à Igreja de Deus?*». E os pais responderam: «*A fé» ou então «o batismo*». Para um pai cristão, para uma mãe cristã, conscientes da graça que lhes foi concedida, é este o dom a pedir também para o seu filho ou filha: a fé. Com ela, o pai e mãe sabem que, até no meio das provações da vida, o seu filho ou filha não se afogará no medo. Sabem também que, quando o seu filho ou filha deixar de ter um pai ou uma mãe nesta terra, continuará a ter um Deus Pai no céu, que nunca o abandonará e Maria, a Mãe que dele cuidará. Eis porque o decréscimo significativo de inscrições para o Batismo, para a Catequese, não é apenas resultado de uma *crise demográfica*. Não[[1]](#footnote-1). É também sintomática de uma crise de fé, em que já não se nega a Deus, mas se vive sem contar com Ele!

**2.** E como podemos saber se realmente temos fé, isto é, se a nossa fé, ainda que pequena, é genuína, pura? Jesus indica a medida da fé: o *serviço* humilde. Fala do servo, capaz de se cingir, ajoelhar e lavar os pés, como Ele o fez aos discípulos. É assim que a pessoa de fé se comporta em relação em Deus: rende-se completamente à sua vontade, sem cálculos nem pretensões. Esta atitude para com Deus reflete-se também na forma como nos comportamos em comunidade: reflete-se na alegria de estarmos ao serviço uns dos outros, encontrando já nisto a nossa recompensa e não nos reconhecimentos nem nas vantagens que daí possam vir: «*Quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: “Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer*”» (Lc 17, 10). Somos servos inúteis, sem a pretensão de ser agradecidos, sem reivindicações. Somos servos «*inúteis*», mas não antes de fazer qualquer coisa. Só somos servos inúteis, depois de tudo fazer! Eis porque a crise de vocações, de ministérios, de servidores pastorais numa comunidade, não resulta tanto da falta de tempo, da falta de competências, mas sim da falta de fé. Por isso, quando pedimos ao Senhor vocações de especial consagração, colaboradores pastorais para a Paróquia, precisamos de pedir em primeiro lugar que *aumente em todos nós o dom da fé*; que o Espírito Santo reanime em nós esse dom, para vencermos a timidez com a fortaleza da fé, para nos tornarmos testemunhas felizes de Cristo vivo. Não deixemos, por isso, de rezar todos os dias, neste mês missionário: «*Senhor, dá-nos um pouco de fé*»!

Esta oração pode fazer-se no final da homilia, na conclusão da oração dos fiéis, logo a seguir à comunhão:

Senhor,

se a nossa religiosidade está sobrecarregada das nossas certezas,

leva parte dessa «grande fé» para longe de nós.

Liberta esta religiosidade daquilo que é demasiado útil.

Livra-nos da fé de chumbo, solidificada e inchada,

da fé fácil, convencida, armada, aliada ao poder,

feita de seguranças e de certezas.

Dá-nos, Senhor, a fé por Ti querida,

a fé nua, a fé humilde, pequena, quase minúscula,

a fé dessossegada dos buscadores,

a fé temperada no fogo da crise,

a fé cravada no silêncio da cruz.

Dá-nos, Senhor, um pouco de fé,

uma fé tão pequena como um nada,

como a semente de mostarda,

pequena, mas cheia do Teu poder,

que faz grandes os pequeninos

e fará ainda coisas maiores.

Senhor, sustém nas Tuas mãos

a minha fé sempre pequenina

e aceita os meus inúteis serviços.

Ámen.

Padre Amaro Gonçalo, inspirado nos escritos de Tomás Halik

**Oração dos fiéis**

P. Irmãos e irmãs: neste «outubro missionário», não esqueçamos que a oração é a primeira ação missionária e, ao mesmo tempo, *a primeira força da esperança*. Peçamos a Deus Pai que fortaleça a nossa fé e nos torne missionários, portadores e construtores de esperança, entre os povos, dizendo:

R. **Senhor, dá-nos um pouco de fé!**

1. Pela Santa Igreja: para que não se torne uma Igreja estática, mas uma Igreja missionária, que caminha com o Senhor, pelas estradas do mundo. Invoquemos: R.
2. Pelos que governam: para que se tornem humildes servos e promotores da dignidade da pessoa humana e do bem comum. Invoquemos: R.
3. Pelas crianças, adolescentes, jovens e adultos, inscritos na Catequese: para que este encontro com Cristo os ajude a crescer na fé e no serviço humilde aos outros. Invoquemos: R.
4. Por todos nós: para que nos tornemos mensageiros, portadores e construtores da esperança, nas pegadas de Cristo, em qualquer lugar e circunstância da nossa vida. Invoquemos: R.

P. Deus, nossa esperança, só Vós construís um futuro belo para nós. Ajudai-nos a reconhecer, em cada dia, o serviço que nos pedis e a cumpri-lo com incondicional fidelidade aos Vossos caminhos. Por NSJC. R. Ámen.

Nota: Neste guião, apresentam-se algumas alternativas a esta proposta de Oração dos Fiéis, inspiradas na prece: «Senhor, aumenta a nossa fé»». Cf. pp.10-14

**liturgia eucarística**

Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio da Oração Eucarística V/3 | Santo… | Oração Eucarística V/3 | Ritos da Comunhão

**Ritos Finais**

**Agenda Pastoral da Senhora da Hora**

1. Segunda-feira, dia 6, à s14h00, reunião da Equipa Porta Aberta.
2. Sexta-feira, dia 10, às 21h30, reunião com a Equipa Coordenadora do Movimento Fé e Luz.
3. Catequese do 1.º ano teve início este sábado. Para os grupos do 2.º ano em diante, começará no sábado dia 11 de outubro, na Missa das 15h45 (para os grupos de sábado) ou no domingo, dia 12, na Missa das 11h00 (para os grupos de domingo).
4. A partir deste sábado, 4 de outubro, Missa Vespertina, todos os sábados, às 15h45 (15 minutos mais tarde que o habitual). Mantêm-se Missas ao domingo, às 11h00 e às 19h00.
5. Sábado, dia 11 de outubro, no final da missa vespertina, por volta das 16h30, Oração do Rosário pela Paz. Estaremos em sintonia com a Vigília do Jubileu da Espiritualidade mariana, recordando também o aniversário da inauguração do Concílio Vaticano II em 1962.

**Agenda Pastoral de Guifões**

1. Segunda-feira, dia 6, às 21h30, reunião do Conselho para os Assuntos Económicos.
2. Quinta-feira, às 17h30, reunião da Equipa da Porta Aberta e dos zeladores e zeladoras das Igrejas.
3. Sexta-feira, dia 10, às 21h00, na Igreja Matriz, Oração guiada pelo Grupo Cenáculos de Oração Missionária, no contexto do «Outubro missionário».
4. A Catequese recomeça a 11 e 12 de outubro, para os grupos do 2.º ano em diante. A 18 de outubro, às 09h30, só para o 1.º ano
5. Domingo, 12 de outubro, às 15h30: encontro mensal do Grupo Cenáculos de Oração Missionária

**Bênção final | Despedida**

Diácono: Peregrinos, mensageiros, portadores e construtores de esperança, ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

**Bênção da mesa | XXVII Domingo Comum C 2025**

Senhor Jesus Cristo,

Tu és o Servo Deus,

que colocas a toalha à cintura,

preparas para nós a mesa na abundância

e serves-nos com humildade

até que tenhamos comido e bebido bem.

Senta-te e preside à nossa mesa,

abençoa a nossa refeição,

para que nos tornemos

humildes servidores da alegria

da comunhão e da missão.

Ámen.

**OUTROS TEXTOS E HOMILIAS**

**XXVII DOMINGO COMUM C**

**ALTERNATIVAS PARA A ORAÇÃO DOS FIÉIS 1**

**1.** Senhor, faz com que a minha fé seja plena, pura e sem reservas; que ela penetre todo o meu pensamento, o meu modo de ver e de julgar as coisas humanas e as coisas divinas!

**R:** **AUMENTA, AUMENTA A NOSSA FÉ. CREDO, DOMINE! AUMENTA A NOSSA FÉ!**

**2.** Senhor, faz com que a minha fé seja livre e responsável; que tenha o consentimento pessoal da minha adesão; que aceite corajosamente as renúncias e deveres que ela mesma exige! **R:**

**3.** Senhor, faz com que a minha fé seja convicta; que brote de um testemunho interior do Espírito Santo e esteja certa de uma luz tranquilizadora. **R:**

**4.** Senhor, faz com que a minha fé seja forte; que ela não tema a contrariedade dos problemas, nem as adversidades de quem a discute, impugna, recusa ou nega. **R:**

**5.** Senhor, faz com que a minha fé seja jubilosa; que ela traga paz e alegria ao meu coração, de modo que irradie, em mim, e de todos os modos, a felicidade dos que creem em Ti. **R:**

**6.** Senhor, faz com que a minha fé seja ativa; que ela se manifeste numa concreta vida de caridade; que ela se torne uma verdadeira e crescente amizade contigo, uma contínua busca, um testemunho permanente, um alimento constante de esperança. **R:**

**7.** Senhor, faz com que a minha fé seja humilde; que ela se renda ao testemunho do Espírito Santo, e não tenha melhor garantia do que a de acolher docilmente o ensinamento e o testemunho da fé, guardados e transmitidos pela tua Igreja. **R:**

**Paulo VI, *Audiência Geral,* 30.10.1968**

**ALTERNATIVAS PARA A ORAÇÃO DOS FIÉIS 2**

Senhor, eu creio: aumenta a minha fé!

Tu conheces o meu coração,

Tu vês o temor, que há em mim,

de me confiar perdidamente em Ti.

Tu sabes como o desejo de viver isoladamente a minha vida

É, em mim, tão forte,

que me faz muitas vezes afastar de Ti!

Todavia, eu creio!

Diante de Ti está o meu desejo e a minha fraqueza.

Orienta aquele, ampara esta,

ajudando-me a fazer afogar em Ti todos os meus sonhos

e todos os meus anseios e projetos,

para confiar em Ti e não em mim

e nas presunçosas evidências deste mundo que passa.

Faz que eu saiba lutar conTigo:

mas não permitas que eu vença!

Tu que és o Senhor do meu temor,

dos meus anseios e da minha esperança,

eu Te suplico, aumenta a minha fé!

**Bruno Forte**,

*Breve introdução à fé*

**ALTERNATIVAS PARA A ORAÇÃO DOS FIÉIS 3**

**P.** Apresentamos, ao Senhor, doze preces,lembrando e repetindo o pedido dos doze apóstolos, que invocam o dom de uma fé, cada vez mais autêntica! Todos responderemos, a cada invocação, dizendo: ***Senhor, aumenta a nossa fé!*** *(lida por 12 pessoas, ou também por 2 leitores alternadamente)*

1. Senhor, nem sempre nós, transmitimos a fé, com entusiasmo. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
2. Senhor, como a avó de Timóteo, chamada Loide, ajuda-nos a viver a nossa fé, sem disfarces. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
3. Senhor, nem sempre somos para os outros testemunhas vivas da fé. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
4. Senhor, nem sempre somos como Eunice, a mãe de Timóteo, o melhor exemplo de uma fé vivida e levada a sério. Por isso nós Te pedimos:

R. Senhor, aumenta a nossa fé!

1. Senhor, nem sempre tomamos como norma da nossa vida as palavras sãs da Escritura. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
2. Senhor, nem sempre guardamos a boa doutrina que nos foi confiada. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
3. Senhor, às vezes a nossa pequenina fé é muito tímida. Por isso, nós Te pedimos:

R. Senhor, aumenta a nossa fé!

1. Senhor, às vezes a nossa pequenina fé enfraquece e quase se apaga. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
2. Senhor, às vezes a nossa pequenina fé não se vê em pequenos gestos de amor. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
3. Senhor, às vezes a nossa pequenina fé, não cresce por falta de alimento. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
4. Senhor, às vezes a nossa pequenina fé não se dispõe a servir os outros. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!
5. Senhor, às vezes a nossa pequenina fé é capaz de coisas maravilhosas. Por isso, nós Te pedimos: R. Senhor, aumenta a nossa fé!

P. Ouvi, Deus de bondade, as nossas preces e concedei-nos a fé que vos pedimos e o que vos pedimos com fé. Por NSJC vosso Filho que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

**ALTERNATIVAS PARA A ORAÇÃO DOS FIÉIS 4**

P. Para que não desfaleça a fé, com que oramos, oremos! Como os apóstolos nós suplicamos: R. «*Aumentai, Senhor a nossa fé*».

1. Pela Igreja: para que saiba fazer suas, todas as interrogações dos homens, que têm fome e sede de justiça. Invoquemos. R. «*Aumentai, Senhor a nossa fé*».

2. Pelos que deixaram de acreditar ou vacilam na fé: para que se tornem humildes diante do mistério de Deus, O acolham na luz da sua Palavra. Invoquemos. R. «*Aumentai, Senhor a nossa fé*».

3. Pelos que se envergonham de dar testemunho do Evangelho, sobretudo quando a fé apela ao serviço desinteressado, invoquemos. R. «*Aumentai, Senhor a nossa fé*».

4. Por todos os educadores da fé: pais, ministros da Igreja, catequistas e professores de Educação Moral e Religiosa Católica: para que não desanimem, mas trabalhem incansavelmente ao serviço do Reino. Invoquemos: R. «*Aumentai, Senhor a nossa fé*».

5. Por todos nós aqui reunidos: para que cresça em cada um de nós o gérmen da vida nova do batismo e, pelo dom do Espírito, nos transformemos, dia a dia, em homens de fé. Invoquemos. R. «*Aumentai, Senhor a nossa fé*».

P- Deus, nossa esperança, só vós construís um futuro belo para nós, ajudai-nos a reconhecer cada dia o serviço que nos pedes e a cumpri-lo com incondicional fidelidade aos vossos caminhos. Por NSJC.

**Ritos Iniciais – missa com catequese – acolhimento ao 1.º ano**

**Procissão de entrada | Cântico de entrada | Saudação Inicial | Monição inicial**

P. Saudamos a todos, mas especialmente aos meninos e meninas, aos pais, avós e catequistas do 1.º ano. Queremos apresentar hoje a toda a comunidade as crianças e catequistas do 1.º ano e acolhê-las com enorme alegria, nesta Casa que é de todos.

…………. No sábado, dia 1, às 16h00 …………….

P. Chamarei aqui, junto do altar, um a um, os 4 grupos do 1.º ano com catequese aos sábados. Comecemos então pelo Grupo A, confiado à catequista Joana Durão. Levantem-se e aproximem-se os (22) meninos e meninas do grupo A do 1.º ano

**Cântico**: *Já vou à Catequese*

*Cantar enquanto dura a ida ao altar e o regresso das crianças aos seus lugares. O pároco diz uma palavra de boas-vindas a este grupo. Pode fazer-se referência ao gosto de Jesus pelos pequeninos e pelas pequeninas coisas, como a pequenina semente do grão de mostarda. O esquema repete-se com os outros grupos:*

P. Levantem-se e aproximem-se os (12) meninos e meninas do 1.º ano, Grupo B, confiado à Catequista Conceição Antunes.

*Ida das crianças ao altar | Cântico | Palavra de boas-vindas ao grupo | regresso das crianças aos lugares.*

P. Levantem-se e aproximem-se os (22) meninos e meninas do 1.º ano, Grupo C, confiado às Catequistas Mariana Barros e Ana Alexandra.

*Ida das crianças ao altar | Cântico | Palavra de boas-vindas ao grupo | regresso das crianças aos lugares.*

P. Levantem-se e aproximem-se os (10) meninos e meninas do Grupo D do 1.º ano, confiado à Catequista Luísa Gouveia.

*Ida das crianças ao altar | Cântico | Palavra de boas-vindas ao grupo | regresso das crianças aos lugares.*

…………. No domingo, dia 2, às 11h00 …………….

P. Levantem-se e aproximem-se os (16) meninos e meninas do grupo **E** do 1.º ano, confiado à Catequista Helena Sousa.

*Ida das crianças ao altar | Cântico | Palavra de boas-vindas ao grupo | regresso das crianças aos lugares.*

**Oração coleta**

**Liturgia da palavra**

Nas Missas de Acolhimento ao 1.º ano de catequese:

1. Omitir 1.ª leitura e Salmo.
2. Proclamar apenas a 2.ª leitura, Aclamação ao Evangelho e Evangelho.
3. Na Homilia, reforçar a ideia de que Jesus prefere a fé pequenina, a pouca fé dos pequeninos. Quando formos grandes, não deixemos nunca de ser pequeninos. Aprendamos das crianças a fé humilde e confiante, a fé dos mais pequeninos.
4. Fazer o Credo Batismal.
5. Optar pelo esquema mais breve da Oração dos Fiéis ou, se for o caso, omitir.

**Homilia no XXVII Domingo Comum C 2019**

Estamos a viver este mês missionário extraordinário, prestes a concluir o Ano Missionário. Perante a urgência da missão, ressoa no nosso coração o pedido humilde dos Apóstolos: “*Senhor, aumenta a nossa fé*” (*Lc* 17,5). São Paulo deixa três recomendações práticas a Timóteo, que podemos retomar como meios para aumentar em nós a fé e, deste modo, fazê-la despertar e contagiar nos outros [[2]](#footnote-2).

1 – **Reanima o dom de Deus!** Este mês missionário extraordinário quer ser uma sacudidela, que nos provoca a ser ativos no bem. «*É bem não fazer mal. Mas é mal não fazer o bem*» (Santo Alberto Hurtado). Tal é o pecado de omissão. E isto pode ser o pecado de uma vida inteira, porque recebemos a vida, não para a enterrar, mas para a pôr em jogo; não para a reter, mas para a dar. O segredo para possuir a vida ou a fé é doá-la. A omissão é o contrário da missão! Pecamos por omissão, isto é, contra a missão, quando, em vez de espalhar a alegria, nos fazemos vítimas, pensando que ninguém nos ama nem compreende. Pecamos por omissão, isto é, contra a missão, quando cedemos à resignação: «*Não consigo fazer isto, não sou capaz*». Pecamos por omissão, isto é, contra a missão, quando continuamos a dizer que está tudo mal, no mundo e na Igreja. Pecamos por omissão, isto é, contra a missão, quando nos tornamos escravos dos medos que imobilizam; pecamos por omissão, isto é, contra a missão, quando nos deixamos paralisar pelo «fez-se sempre assim». E pecamos por omissão, isto é, contra a missão, quando vivemos a vida como um peso e não como um dom; quando, no centro, estamos nós, com as nossas fadigas, e não os irmãos e irmãs que esperam por ser amados. Este pecado da omissão tem muitas vezes o nome de timidez ou de vergonha! Por isso, São Paulo lança-te um outro desafio:

**2 – Não te envergonhes de dar testemunho!** *“O testemunho da vida cristã é a primeira e insubstituível forma de missão” (Red. Miss.,* n.º 42)e, em muitos casos, é a única forma de evangelização*.*Faz-te, pois, missionário, vivendo como testemunha da fé. Anuncia com a vida, porque é a tua vida que fala do Senhor. Vive espalhando a paz e a alegria, amando a todos, incluindo os inimigos, por amor de Jesus. Como poderias ocultar aos outros a alegria de seres filho de Deus, a certeza de seres sempre amado e precioso aos olhos de Deus? Este é o anúncio, em carne viva, que muitas pessoas esperam de ti! E é tua responsabilidade levá-lo aos outros**.** Neste mês, interroga-te: ***Como é o meu testemunho?* Serias capaz de ir até ao sangue, no teu testemunho de fé?** Eis porque São Paulo te deixa um último desafio:

**3 – Sofre comigo apoiado no poder de Deus!** O Senhor chama-te também a ti. Chama-te a ti, pai e mãe de família; a ti, jovem, que sonhas com grandes coisas; a ti, que trabalhas numa fábrica, numa loja, num banco, num restaurante; a ti, que estás sem trabalho; a ti, que estás numa cama de hospital... O Senhor pede que te faças *dom* no lugar onde estás, assim como estás, com quem está ao teu lado; que não te limites a sofrer a vida, mas que a dês; que não te limites a chorar os teus infortúnios, mas deixa-te levar e lavar pelas lágrimas de quem sofre. Coragem! O Senhor espera muito de ti!

São Paulo deixa-te, por fim, uma palavra de consolação. O Senhor não te deixará sozinho. O Espírito Santo chegou antes de ti, para te preparar o caminho. Aonde fores, tu irás com o auxílio do Espírito Santo, que habita em ti e que nos habita e nos habilita a todos. O protagonista da missão é o Espírito Santo! Por isso, querido batizado, querida batizada: és enviado, és enviada. Vai! Sai! Coragem, irmão e irmã! Coragem, Paróquia de Nossa Senhora da Hora: aumenta a tua fé, na alegria do Evangelho e no dom da missão! Porque “*é dando a fé que ela se fortalece*” (São João Paulo II, *Red. Miss*., n.º 2).

**TEXTO PARA MEDITAÇÃO**

**Dá-nos um pouco de fé**  
Tomáš Halík

*Vieste aqui não para adquirir algo, mas para te libertares de muitas coisas»,* disse um velho e experiente monge a um noviço que o procurara no mosteiro. Ontem lembrei-me destas palavras, quando voltei a entrar no eremitério, pela primeira vez desde há um ano. E o mesmo pensamento assomou à minha mente esta manhã, ao meditar sobre a passagem do Evangelho em que os discípulos pedem a Jesus: «Aumenta a nossa fé!»; e Jesus replica: «Se tivésseis fé como um grão de mostarda...»

De repente, este texto falou-me de uma forma diferente da interpretação habitual. Não estará Jesus a dizer-nos com estas palavras: Porque é que me estais a pedir muita fé? Talvez a vossa fé seja «demasiado grande». Só se ela diminuir, até se tornar pequena como uma semente de mostarda, poderá dar o seu fruto e manifestar a sua força.

Uma fé minúscula não tem de ser necessariamente apenas o fruto da pecaminosa falta de fé. Por vezes, a «pouca fé» pode conter mais vida e confiança do que a «grande fé».

Será que não podemos aplicar à fé aquilo que Jesus disse na parábola acerca da semente, que tem de morrer a fim de produzir grandes benefícios, porque desapareceria e não prestaria para nada se permanecesse imutável?

*Será que a fé não tem de passar também por um tempo de morte e de radical diminuição na vida do homem e ao longo da história?*

E se nós apreendermos esta situação segundo o espírito da lógica paradoxal do Evangelho, em que o pequeno prevalece sobre o grande, a perda é lucro e a diminuição ou redução significa abertura ao avanço da obra de **Deus**, não será porventura esta crise o «tempo da visitação», o kairos, o momento oportuno?

Talvez nós nos tenhamos precipitado ao atribuir uma conotação «divina» a muitas das «questões religiosas» a que já nos habituámos, quando, na verdade, elas eram humanas – demasiado humanas, e só se forem radicalmente reduzidas é que a sua componente verdadeiramente divina entrará em jogo.

Um pensamento que há vários anos vinha germinando dentro de mim, como uma espécie de vago pressentimento, de repente explodiu de forma tão premente, que já não podia ser reprimido.

E como eu tenho uma preocupação perdurável não só por cristãos que têm um lugar fixo dentro da Igreja, mas também pelos buscadores espirituais fora da Igreja, ocorreu-me que nós talvez devamos, a essas pessoas em particular, essa «pouca fé», se quisermos oferecer-lhes finalmente pão em vez de uma pedra. E tendo em conta o facto de que muitas das coisas a que já nos acostumámos excessivamente lhes são estranhas, não serão precisamente elas as pessoas mais inclinadas para entender essa «pouca fé»?

Não, eu não estou a propor uma espécie de cristianismo «simplificado», «brando», «humanizado» e fácil, e ainda menos um romântico ou fundamentalista «regresso às origens». Antes pelo contrário!

Estou convencido de que é precisamente uma fé temperada no fogo da crise, e livre daqueles elementos que são «demasiado humanos», que se revelará mais resistente às tentações constantes de simplificar e vulgarizar a religião, para falar bem e depressa.

O oposto da «pouca fé» que eu tenho em mente é, precisamente, «credulidade», a acumulação demasiado informal de «certezas» e construções ideológicas, até, por fim, não podermos ver a «floresta» da fé – a sua profundidade e o seu mistério –, tantas são as «árvores» dessa religião.

Com efeito, durante estes dias de reflexão na solidão de uma floresta, sinto-me atraído pela imagem da floresta ou do bosque como uma metáfora adequada do mistério religioso – uma floresta vasta e profunda, com a sua fascinante multiplicidade de formas de vida; um ecossistema com inúmeras camadas; uma sinfonia da natureza inacabada; um espaço espontaneamente intrincado – em tão grande contraste com os povoados humanos bem planeados e premeditados, com as suas ruas e parques –, um lugar em que nos podemos perder uma e outra vez, mas também descobrir, para nossa surpresa, ainda outros dos seus aspetos e dons.

**Uma «fé pequena» não significa uma «fé fácil».**

O meu maior incentivo neste caminho para compreender a fé foi o misticismo carmelita – desde João da Cruz, que ensinou que devemos ir até aos próprios limites das nossas «capacidades espirituais» humanas, a nossa razão, a nossa memória e a nossa vontade, e só aí, *onde sentimos que estamos num beco sem saída, é que surge a verdadeira fé, o amor e a esperança; e ao longo da «pequena via»* de Teresa de Lisieux, que culminou nos momentos sombrios da sua morte.

*A minha pergunta é se a nossa fé, tal como nosso Senhor, não terá de «sofrer muito, de ser crucificada e de morrer», antes de poder «ressuscitar dos mortos».*

O que é que faz a fé sofrer, o que é que a crucifica? (Não me refiro à perseguição exterior dos cristãos.)

Na sua forma primordial («ingenuidade primária», segundo as palavras de Paul Ricoeur) – ou seja, na forma que um dia deverá expirar –, a fé sofre, acima de tudo, da «multivalência da vida». A sua cruz é a profunda ambivalência da realidade: os paradoxos que a vida encerra, que desafiam sistemas de regras, simples proibições e prescrições – esta é a rocha contra a qual tantas vezes se despedaça. Mas não será possível que, em termos do seu significado e resultado, esse momento de «fragmentação» possa ser como quando partimos a casca de uma noz para chegar ao fruto?

Para muitas pessoas, essa «fé simples» – e a «simples moral» que dela deriva – encontra-se em grave crise quando choca com aquilo com que mais cedo ou mais tarde se deverá confrontar, nomeadamente a complexidade de certas situações de vida (que muitas vezes têm a ver com relações humanas), e a impossibilidade de escolher, dentre as muitas opções possíveis, uma solução sem qualquer tipo de reservas. O resultado é a «convulsão religiosa» e paroxismos de dúvida – aquilo, precisamente, com que esse tipo de fé não pode lidar.

Quando confrontados com a barricada das suas dúvidas imprevistas, alguns crentes «retrocedem» na direção da segurança esperada dos seus primórdios – a «fase infantil» da sua própria fé ou alguma imitação do passado da Igreja.

Essas pessoas procuram muitas vezes um refúgio em formas sectárias de religião. Vários grupos oferecem-lhes um ambiente em que podem «*dar largas à oração*», gritando, chorando e batendo palmas para se libertarem das suas ansiedades, experimentando uma regressão psicológica até à «fala de bebés» («falando em línguas»), além de serem embaladas e acariciadas pela presença de pessoas de tendência semelhante, e muitas vezes com problemas ainda maiores.

Além disso também há a oferta de vários «**museus folclóricos» da Igreja do passado**, que tentam simular um mundo de «simples piedade humana» ou um tipo de teologia, liturgia e espiritualidade de séculos passados, «preservado dos estragos da modernidade». Mas o adágio «não se pode entrar duas vezes no mesmo rio» também se aplica aqui. Na maior parte dos casos, acaba por se revelar como tendo sido apenas uma brincadeira romântica, uma tentativa de entrar num mundo que já não existe. As tentativas de encontrar morada em ilusões costumam caminhar a par e passo com esforços desesperados por fingir frente a si próprio e aos outros. É tão disparatado para um adulto tentar entrar no infantário da sua fé infantil ou recuperar o entusiasmo primordial do convertido, como tentar ultrapassar as fronteiras do tempo e penetrar no mundo espiritual da religião pré-moderna. O museu folclórico que as pessoas criam desse modo não é uma aldeia viva de piedade humana tradicional nem um mosteiro medieval. É antes uma coleção de projeções românticas das nossas noções de como era o mundo e a Igreja quando «ainda estavam em ordem». Trata-se apenas de caricaturas tristemente cómicas do passado.

O «fundamentalismo» é um distúrbio de uma fé que tenta entrincheirar-se no meio das sombras do passado, defendendo-se da perturbadora complexidade da vida.

O fanatismo, a que aquele está muitas vezes ligado, constitui apenas uma reação mal-humorada à frustração resultante, à descoberta amargurada (mas não confessada) de que se tratava de um falso trilho. A intolerância religiosa é muitas vezes fruto de inveja encoberta de outros, dos «de fora», uma inveja que procede dos corações amargurados de pessoas que não estão dispostas a reconhecer o seu sentimento de profunda insatisfação com a sua própria casa espiritual. Falta-lhes força para mudá-la ou abandoná-la; por isso, agarram-se desesperadamente a ela e tentam ocultar, nos bastidores, tudo o que lhes possa recordar possíveis alternativas. Projetam as suas próprias dúvidas não reconhecidas nem resolvidas sobre os outros, e aí lutam contra eles.

Muitas vezes, a fé que parece «grande» e «firme» é, na realidade, uma fé de chumbo, solidificada e inchada. Muitas vezes a única coisa grande e firme da mesma é a «armadura» que, com muita frequência, oculta a ansiedade da falta de esperança.

A fé que aguenta o fogo da cruz sem bater em retirada perderá, provavelmente, grande parte daquilo com que se costumava identificar ou a que se tinha habituado, mesmo que fosse meramente superficial. Grande parte disso ficará queimado. Contudo, a sua nova maturidade tornar-se-á sobretudo evidente pelo facto de já não usar «armadura»; em vez disso, será um pouco como aquela «*fé nua*» de que falam os místicos. Já não será agressiva nem arrogante, e ainda menos impaciente na sua relação com os outros. Sim, em comparação com a fé «grande» e «firme» pode parecer pequena e insignificante – será como nada, como uma semente de mostarda.

Mas é precisamente assim que Deus atua no mundo, diz o Mestre Eckhart: Ele é «nada» num mundo de seres, porque Deus não é um ser entre outros seres.

E Eckhart prossegue afirmando que temos de nos transformar em «nada» se quisermos encontrá-lo.

*Enquanto quisermos ser «alguma coisa» (ou seja, significar alguma coisa, ter alguma coisa, saber alguma coisa, em suma, fixarmo-nos em seres individuais e no mundo das coisas), não seremos livres para encontrá-lo.*

Talvez a nossa fé também estivesse assoberbada por muitas coisas que tivessem a natureza desse «algo» – as nossas ideias, projeções e desejos pessoais, as nossas expectativas demasiado humanas, as nossas definições e teorias, o mundo das nossas histórias e mitos, a nossa «credulidade». Talvez ainda não tenhamos tido a nossa quota-parte de tudo isso e queiramos mais: Dá-nos mais fé, mais certeza e segurança frente às complexidades da vida!

Cristo, porém, diz: «tende a fé de Deus», não do tipo «humano» que se poderia perder entre as ideologias e as filosofias do nosso tempo. *Um «tipo de fé divino» significa uma fé minúscula, quase impercetível, do ponto de vista deste mundo!*

Deus, que é anunciado e representado neste mundo por Aquele que foi crucificado e ressuscitou dos mortos, é o Deus do paradoxo: aquilo que é sábio para as pessoas, é louco para Ele; aquilo que é loucura e pedra de tropeço para as pessoas, é sabedoria a seus olhos; aquilo que as pessoas consideram fraqueza, para Ele é força; aquilo que as pessoas consideram grande, é visto por Ele como sendo pequeno; e aquilo que lhes parece pequeno, Ele considera-o grande.

Mesmo sob as rajadas de vento que continuam a levar para longe grande parte da nossa religião – quer se trate da ofensiva das críticas do ateísmo, quer da tempestade das nossas próprias dúvidas e crises inteiras de fé, ou do clima de «espírito hostil» da nossa época –, porventura seremos capazes, por fim, de discernir o sopro libertador do Espírito Santo, tal como os israelitas, graças aos seus profetas, foram capazes de discernir a «lição de Deus», nas suas derrotas, e o «servo de Deus», no seu inimigo Nabucodonosor?

Quando os seres humanos, ou «o povo de Deus», não são capazes de abandonar algo que os ata e impede de empreender a futura viagem, o Senhor recorre por vezes a métodos de libertação que não nos parecem nada agradáveis. Zugrunde gehen, como sabemos através de Nietzsche, não significa apenas naufragar e desaparecer, mas também, literalmente, «descer até aos fundamentos» e tocar o cerne.

E assim encerro esta primeira meditação com uma oração:

*Senhor, se a nossa religiosidade*

*está sobrecarregada das nossas certezas,*

*leva parte dessa «grande fé» para longe de nós.*

*Liberta a nossa religião*

*daquilo que é «demasiado humano»*

*e dá-nos «a fé de Deus».*

*Dá-nos antes, se for essa a tua vontade,*

*um «pouco de fé», uma fé tão pequena*

*como uma semente de mostarda*

*– pequena e cheia do* teu *poder!*

PAPA FRANCISCO, ***ANGELUS***

*6 de outubro de 2019*

A página do Evangelho de hoje (cf. *Lc* 17, 5-10) apresenta o tema da fé, introduzido pela pergunta dos discípulos: «Aumenta a nossa fé!» (v. 6). Uma bela oração, que devemos recitar muito durante o dia: «Senhor, aumenta a minha fé!».Jesus responde com duas imagens: o *grão de mostarda* e o *servo disponível*. «Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a essa amoreira: “Arranca-te daí e planta-te no mar”, e ela havia de vos obedecer» (v. 6).

A amoreira é uma árvore forte, bem enraizada na terra e resistente aos ventos. Portanto, Jesus quer fazer compreender que a fé, ainda que pequena, pode ter a força de erradicar até mesmo uma amoreira. E depois transplantá-la no mar, o que é algo ainda mais improvável: mas **nada é impossível para aqueles que têm fé, porque eles não confiam nas suas próprias forças, mas em Deus, que tudo pode**. A fé comparável com o grão de mostarda é uma fé que não é soberba nem autoconfiante**;** não pretende ser a de um grande crente, por vezes fazendo má figura! É uma fé que na sua humildade sente uma grande necessidade de Deus e na sua pequenez abandona-se com plena confiança a Ele. É a fé que nos dá a capacidade de olhar com esperança para os altos e baixos da vida, que nos ajuda a aceitar até mesmo as derrotas e os sofrimentos, sabendo que o mal nunca teve, nunca terá, a última palavra.

Como podemos compreender se realmente temos fé, isto é, se a nossa fé, ainda que **pequena, é genuína, pura, direta**? Jesus no-lo explica indicando **qual é a medida da fé: o *serviço***. E fá-lo com uma parábola que, à primeira vista, é um pouco desconcertante, pois apresenta a figura de um senhor arrogante e indiferente**.** Mas precisamente este modo de fazer do mestre faz sobressair qual é o verdadeiro centro da parábola, ou seja, a atitude de **disponibilidade do servo**. Jesus quer dizer que o homem de fé se comporta assim em relação em Deus: **rende-se completamente à sua vontade, sem cálculos nem pretensões**.

Esta atitude para com Deus reflete-se também na forma como nos comportamos em comunidade: reflete-se na alegria de estarmos ao serviço uns dos outros, encontrando já nisto a nossa recompensa e não nos reconhecimentos nem nas vantagens que disto podem derivar. É o que Jesus ensinano final deste relato: «quando tiverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: “Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer”» (v. 10).

Servos inúteis, ou seja, sem pretensão de ser agradecidos, sem reivindicações. «Somos servos inúteis» é uma expressão de humildade e disponibilidade que faz tanto bem à Igreja e recorda a atitude correta de trabalhar nela: o serviço humilde de que Jesus nos deu o exemplo, lavando os pés dos discípulos (cf. *Jo* 13, 3-17).

**Homilia no XXVII Domingo Comum C 2022**

Há duas coisas que me (nos) desconcertam, neste Evangelho!

1. A primeira é o pedido dos apóstolos, que se assumem e reconhecem como pessoas *de pouca fé*. Eles sabem que só pela fé poderão aprender a confiança e suportar juntos com esperança as exigências do Caminho novo e o peso da Cruz. E por isso pedem apenas isto de presente: ***«aumenta a nossa fé»***. É um surpreendente pedido, uma confissão humilde de pobreza, que nos mostra como eles são e se sentem tão pequeninos na fé. Isto contrasta obviamente com a arrogância de tantos crentes, que se apresentam hoje como *pessoas de muita fé*, seguras de si mesmas, convencidas das suas virtudes, inchadas de uma pia e santa vaidade pelo seu percurso religioso, dentro ou à margem da Igreja. E, como prova disso, exibem os números da sua prática religiosa, os quilómetros a pé, as velas acesas, as promessas feitas, as graças recebidas em recompensa dos seus grandes méritos. Contrariamente a esta soberba, os apóstolos sentem que a sua fé é muito pequena, que deve ainda crescer, amadurecer, frutificar, no frio, na escuridão, na incerteza, na dúvida, no sofrimento, e até na morte, como o grão de trigo lançado à terra, que tem de morrer para dar fruto. Os apóstolos ensinam-nos a sermos humildes na fé. Uma *grande fé* não é uma grande coisa. E esta é a primeira coisa que me desconcerta e nos devia desassossegar.

2. A segunda coisa desconcertante é a resposta de Jesus. Ele não oferece aos apóstolos a **«*muita fé*»** que estes lhe pediram. Sugere-lhes a fé pequenina, como a de um grão de mostrada, feita de confiança, não nas próprias forças, mas no poder de Deus, que torna possível o impossível. Está visto que Jesus não quer apostar as suas fichas numa fé grande, mas, pelo contrário, quer simplificá-la, torná-la do tamanho de um grão de mostarda. Talvez a fé dos apóstolos quisesse ser grande demais, feita de muitas certezas – e a fé não se dá nas certezas, mas na angústia. A fé simples não se confunde com uma fé fácil, porque não é aquele sentimento religioso da *paga de um favor*, mas é a adesão do coração a Deus, pelo que Ele é em Si mesmo. Muitas vezes, será necessário fazer morrer a fé presunçosa, a fé grande, para fazer ressuscitar a fé como um grão de mostarda, pequena e cheia de poder. Só na medida em que esta fé “*baixar a bola”*, até se tornar pequenina como a semente de um grão de mostarda, é que ela poderá dar o seu fruto e manifestar toda a sua força. Jesus parece dizer-nos então: a *pouca fé* dos pequeninos contém mais vida e confiança do que a *grande fé* dos crentes convencidos. Deus nos livre então da fé grande, vistosa, poderosa, armada. O Senhor prefere a fé pequenina, a fé dos pequeninos. Esta é a segunda coisa que nos devia desconcertar.

3. Mas, irmãos caríssimos, se há aqui alguém que queira avaliar *o tamanho* da sua fé, use a medida que Jesus usou: a do serviço desprendido, gratuito, humilde, que não espera outra recompensa senão a alegria do dever cumprido. Se a fé é um dom, então este *presente* divino, esta dádiva da fé, será tanto maior quanto cada um for capaz de abraçar o presente e responder à chamada de Deus, de maneira muito simples: ***«Presente, eis o servo, eis a serva do Senhor. Eis.me aqui, para o que for preciso»***.

4. Posto isto, se os apóstolos não me levarem a mal, eu terminaria com uma prece ao Senhor, a pedir-lhe que conserve em nós o tesouro da ***«pouca fé»***:

*Esta oração pode ser feita por um leitor. Tal como a homilia, esta oração é inspirada num escrito de Tomás Halik, no seu livro, “A noite do Confessor”, Ed. Paulinas.*

*Senhor,*

*se a nossa religiosidade*

*está sobrecarregada das nossas certezas,*

*leva parte dessa «grande fé» para longe de nós.*

*Liberta esta religiosidade*

*daquilo que é demasiado útil.*

*Livra-nos da fé de chumbo, solidificada e inchada,*

*da fé fácil, convencida, armada, aliada ao poder,*

*feita de seguranças e de certezas.*

*Dá-nos, Senhor,*

*a fé por Ti querida,*

*a fé nua, a fé humilde, pequena, quase minúscula,*

*a fé dessossegada dos buscadores,*

*a fé temperada no fogo da crise,*

*a fé cravada no silêncio da cruz.*

*Dá-nos, Senhor,*

*um pouco de fé,*

*uma fé tão pequena como um nada,*

*como a semente de mostarda,*

*pequena, mas cheia do* Teu *poder,*

*que faz grandes os pequeninos*

*e fará ainda coisas maiores.*

*Senhor, sustém nas Tuas mãos*

*a minha fé sempre pequenina*

*e aceita os meus inúteis serviços.*

*Ámen.*

**HOMILIA NO XXVII DOMINGO COMUM C 2016**

«*Com Maria, renovai-vos nas fontes da alegria*»! Este é o lema que nos guia neste ano pastoral. Que alegria é esta? E onde estão as suas fontes? É a alegria, que brota do nosso encontro com Cristo (EG 1), e que está precisamente no início da nossa fé. Disse-o Bento XVI: “*No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à Vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*” (DCE, n.º 1). É preciso, é urgente, é prioritário, ao longo deste novo ano pastoral, proporcionar, facilitar, oferecer a todos, a experiência deste encontro com Cristo, que gera, aumenta, alimenta e renova a nossa fé e que frutificará sempre em verdadeira alegria!

**1.** *“Aumentar a nossa fé”* implica, antes de mais, unir-se e reunir-se, aprender a viver em família, em grupo, em comunidade. A nossa fé não cresce sozinha, isolada, ou em laboratório, mas cresce com a fé dos outros, ganha força na sua união à multidão dos irmãos e irmãs, que percorrem juntos o mesmo caminho e entram na mesma corrente de graça. Este encontro de irmãos, que partilham e celebram a mesma fé, é fonte de alegria: “*Oh como é belo e agradável ver os irmãos reunidos em harmonia*” (Sal 133,1). Sem a comunidade, a fé ***morre sozinha***! Redescubramos o prazer de ser e de fazer parte deste Povo, porque isso é “*fonte de uma alegria superior*” (EG 268). E peçamos ao Senhor, a graça de uma comunidade renovada nas **fontes da comunhão**!

**2.** *“Aumentar a nossa fé”* implica enraizá-la na experiência deste encontro, que resulta da escuta da **Palavra**, que brota sempre da “*frescura original do Evangelho*” (EG 11), na certeza de que a Palavra é sempre fonte de alegria (EG 5). Sem a escuta obediente da Palavra, a planta da nossa fé, ***morre de sede***! E a nossa vida cristã não se renova! Acorrei às fontes da catequese, das aulas de educação moral e religiosa, da prática da *lectio divina*. Peçamos ao Senhor, a graça de uma comunidade, renovada na **frescura da Palavra** de Deus!

**3.** *“Aumentar a nossa fé”* implica alimentá-la na experiência deste encontro, que é **a Eucaristia**. Ela é a fonte e o ápice de toda a vida da Igreja e dos cristãos. É «fonte de um renovado impulso para se dar” (EG 24). Sem Eucaristia, e sem a seiva dos sacramentos, a planta da nossa fé, perde vigor e ***morre de fome***. Quando se deixa de acorrer a esta fonte da Eucaristia, a nossa vida cristã entra rapidamente em estado de coma espiritual. Acorrei às sete fontes dos sacramentos. Peçamos ao Senhor, a graça de uma comunidade renovada na **fonte inesgotável da liturgia**.

**4.** *“Aumentar a nossa fé”* implica invocá-la, pedi-la, rezá-la, na experiência deste encontro pessoal com Cristo, que é a oração. Sem o ardor e o calor da oração, a planta da nossa fé, ***morre de frio***, de falta de afeto! E a nossa vida cristã cai no lamento, na tristeza e no vazio. Acorrei às fontes da oração, do rosário, da adoração ao santíssimo. Peçamos ao Senhor, a graça de uma comunidade renovada pela alegria do encontro com Cristo, na **fonte da oração**.

**5.** *“Aumentar a nossa fé*” implica levá-la e apegá-la aos outros, pois “*uma fé que não se apega, apaga-se*” (Pe. António Vieira). Sem o contágio do nosso testemunho, humilde mas audaz, corajoso e sempre alegre, a planta da nossa fé ***morre asfixiada***, sem luz nem respiração, no cheiro a mofo da estufa, onde, por vergonha, escondemos este tesouro. Conduzi os outros a Cristo, para que não morram de sede, de fome ou de frio, ou de solidão junto das nossas fontes. Quando se dá, é que a fé se fortalece. “*Esta tarefa deve ser a fonte de maiores alegrias*”. Peçamos ao Senhor a graça de uma comunidade renovada, na alegria transbordante da missão!

**AUMENTA-NOS A FÉ (PAGOLA)**

De forma abrupta, os discípulos fazem a Jesus uma petição vital: «Aumenta-nos a fé». Noutras ocasiões tinham pedido: «Ensina-nos a rezar”. À medida que Jesus lhes desvenda o projeto de Deus e o trabalho que lhe quer encomendar, os discípulos sentem que não lhes basta a fé que vivem desde crianças para responder à Sua chamada. Necessitam de uma fé mais robusta e vigorosa.

Passaram mais de vinte séculos. Ao longo da história, os seguidores de Jesus viveram anos de fidelidade ao Evangelho e horas obscuras de deslealdade. Tempos de fé forte e também de crise e incerteza. Não necessitaremos de pedir de novo ao Senhor que aumente a nossa fé?

*Senhor, aumenta-nos a fé!* Ensina-nos que a fé não consiste em acreditar em algo mas sim em *acreditar em Ti*, Filho encarnado de Deus, para nos abrirmos ao Teu Espírito, deixar-nos alcançar pela Tua Palavra, aprender a viver com o Teu estilo de vida e a seguir de perto os Teus passos. Só Tu és quem «inicia e consuma a nossa fé».

*Aumenta-nos a fé!* Dá-nos uma fé centrada no essencial, purificada de adesões e acrescentos postiços, que nos afastam do núcleo do Teu Evangelho. Ensina-nos a viver nestes tempos uma fé, não fundada em apoios externos, mas na Tua presença viva, nos nossos corações e nas nossas comunidades crentes.

*Aumenta-nos a fé!* Faz-nos viver uma relação mais vital contigo, sabendo que Tu, nosso Mestre e Senhor, és o primeiro, o melhor, o mais valioso e atrativo que temos na Igreja. Dá-nos uma fé contagiosa que nos oriente para uma fase nova de cristianismo, mais fiel ao Teu Espírito e à Tua trajetória.

**Aumenta-nos a fé!** Faz-nos viver identificados com o Teu projeto de Reino de Deus, colaborando com realismo e convicção, de modo a tornar a vida mais humana, como quer o Pai. Ajuda-nos a viver humildemente a nossa fé com paixão por Deus e compaixão pelo ser humano.

*Aumenta-nos a fé!* Ensina-nos a viver, convertendo-nos a uma vida mais evangélica, sem nos resignarmos a um cristianismo rebaixado, onde o sal se vai tornando insonso, e onde a Igreja vai perdendo estranhamente a sua qualidade de fermento. Desperta entre nós a fé das testemunhas e dos profetas.

*Aumenta-nos a fé!* Não nos deixes cair num cristianismo sem cruz. Ensina-nos a descobrir que a fé não consiste em acreditar no Deus que nos convém, mas naquele que fortalece a nossa responsabilidade e desenvolve a nossa capacidade de amar. Ensina-nos a seguir-te tomando a nossa cruz cada dia.

*Aumenta-nos a fé!* Que Te experimentemos vivo e Ressuscitado no meio de nós renovando as nossas vidas, e alentando as nossas comunidades.

José Antonio Pagola

**Tradutor: Antonio Manuel Álvarez Perez**

[**http://www.gruposdejesus.com/27-tempo-ordinario-c-lucas-175-10-2/**](http://www.gruposdejesus.com/27-tempo-ordinario-c-lucas-175-10-2/) **BENTO XVI, Audiência, 3.10.2010**

Todos os textos da liturgia deste domingo nos falam da fé, que é o fundamento de toda a vida cristã. Jesus educou os seus discípulos para crescer na fé, acreditar e confiar cada vez mais nele, a fim de edificar a própria vida sobre a rocha. Por isso, pedem-lhe: «Aumenta a nossa fé» (Lc 17, 6).

É um bonito pedido que eles dirigem ao Senhor, é o pedido fundamental: os discípulos não pedem dons materiais, nem privilégios, mas sim a graça da fé, que oriente e ilumine toda a vida; pedem a graça de reconhecer Deus e de poder estar em íntima relação com Ele, recebendo dele todos os seus dons, inclusive os da coragem, do amor e da esperança.

Sem responder diretamente à sua oração, Jesus recorre a uma imagem paradoxal para expressar a incrível vitalidade da fé. Do mesmo modo como uma alavanca move muito mais do que o seu próprio peso, assim também a fé, mesmo que seja em pequena medida, é capaz de realizar coisas impensáveis, extraordinárias, como erradicar uma árvore frondosa e transplantá-la no mar (cf. ibidem). A fé — confiar em Cristo, recebê-l’O, deixar que Ele nos transforme e segui-l’O até ao fundo — torna possível aquilo que humanamente é impossível, em todas as realidades.

Dá testemunho disto também o profeta Habacuc, na primeira leitura. Ele implora ao Senhor, a partir de uma tremenda situação de violência, iniquidade e opressão; e precisamente nesta situação difícil e de insegurança, o profeta introduz uma visão que oferece um perfil do desígnio que Deus está a definir e a pôr em prática na história: «*Eis que sucumbe aquele que não tem a alma reta, mas o justo viverá pela sua fidelidade*» (Hab 2,4). O ímpio, aquele que não age segundo Deus, confia no próprio poder, apoiando-se porém sobre uma realidade frágil e inconsistente, e por isso irá sucumbir, está destinado a cair; quanto ao justo, ao contrário, confia numa realidade escondida mas sólida, confia em Deus e por isso há- de viver.

A segunda parte do Evangelho de hoje apresenta mais um ensinamento, um ensinamento de humildade, que todavia está intimamente ligado à fé. Jesus convida-nos a ser humildes e cita o exemplo de um servo que trabalha no campo. Quando volta para casa, o patrão pede-lhe que continue a trabalhar. Segundo a mentalidade da época de Jesus, o patrão tinha todo o direito de o fazer.

O servo devia ao senhor uma disponibilidade completa; e o senhor não se sentia devedor em relação a ele, por ter executado as ordens recebidas. Jesus faz-nos tomar consciência de que, diante de Deus, estamos numa situação semelhante: somos servos de Deus; não somos credores no que Se lhe refere, mas somos sempre devedores, uma vez que devemos tudo a Ele, porque tudo é seu dom.

Aceitar e cumprir a sua vontade é a atitude que devemos ter todos os dias, em cada momento da nossa vida. Diante de Deus, nunca devemos apresentar-nos como alguém que julga ter prestado um serviço e portanto merece uma grande recompensa. Trata-se de uma ilusão que todos podem ter, até mesmo as pessoas que trabalham ao serviço do Senhor, na Igreja.

Ao contrário, devemos estar conscientes de que, na realidade, jamais fazemos o bastante por Deus. Como Jesus nos sugere, temos que dizer: «*Somos servos inúteis. Fizemos quanto devíamos faze*r» (Lc 17, 10).

É uma atitude de humildade que nos coloca verdadeiramente no lugar que nos é próprio e permite ao Senhor ser muito generoso connosco. Com efeito, num outro trecho do Evangelho, Ele promete-nos que «se cingirá, mandará que nos ponhamos à mesa e então passará a servir-nos» (cf. Lc 12, 37).

Irmãos e irmãs: se cumprirmos a vontade de Deus todos os dias com humildade, sem nada pretender d’Ele, é o próprio Jesus que nos servirá, nos ajudará e encorajará, dando-nos força e tranquilidade.

Também o Apóstolo Paulo, na segunda leitura hodierna, fala da fé. Timóteo é convidado a ter fé e, por meio dela, a exercer a caridade.

O discípulo é exortado a **reavivar** na fé inclusive o dom de Deus que nele se encontra pela imposição das mãos de Paulo, ou seja, a dádiva da Ordenação, recebida para desempenhar o ministério apostólico como colaborador de Paulo (cf. 2 Tm 1, 6). Ele não pode deixar extinguir este dom, mas deve torná-lo cada vez mais vivo através da fé. E o Apóstolo acrescenta: «Pois Deus não nos deu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de sabedoria» (v. 7).

**Homilia na abertura do ano escutista 2016**

**XXVII Domingo Comum C**

1. O Evangelho de hoje divide-se em duas partes distintas, que se resumem, afinal, num pedido do coração e numa atitude de vida: o pedido, que vem do fundo do coração é este: «Senhor, aumenta a nossa fé»! A atitude de vida é o serviço humilde aos demais: “*somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer*”!

2. Vejamos melhor estas duas partes:

2.1. A fé é realmente uma bênção, um dom, uma dádiva. Não ter fé, é como andar às escuras. E nem sempre é fácil acreditar, quando não há sorte, quando não há sucesso… quando tudo parece escuro…

Baden-Powel, o fundador do Escutismo, disse-o muito bem: “*O homem de pouco vale, se não acreditar em Deus e obedecer às suas leis. Por isso todo o escuteiro deve ter uma religião*!” Quando faleceu no Quénia, a 8 de Janeiro de 1941, deixou uma “última mensagem”, onde se encontram as seguintes frases, bem identificativas da “alma do Escutismo”: “*Creio que Deus nos colocou neste mundo encantador para sermos felizes e apreciarmos a vida. A felicidade não vem da riqueza, nem simplesmente do êxito de uma carreira, nem dos prazeres. […] O estudo da natureza mostrar-vos-á as coisas belas e maravilhosas de que Deus encheu o mundo para vosso deleite*”. […]. As suas palavras, começam por «creio». Toda a sua vida, é um ato de fé. Ele vê o mundo, a natureza, os outros, à luz da Fé. A fé ilumina todo o seu modo de ver, de estar e de viver. O escutismo não é uma escola de tempos livres. O escutismo católico é também uma escola de fé, uma escola para desenvolver a semente da fé, uma escola destinada a semear a fé no campo e na cidade. Se não dermos Deus aos outros, não damos praticamente nada (Madre Teresa).

2.2. A atitude mais nobre do crente é o serviço: somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer! Somos «inúteis», não antes de fazer; mas só depois de tudo fazer. A atitude que Jesus nos sugere é a do serviço humilde, a do servo. Na parábola, Jesus não é representado pelo ‘amo’ altivo e ditador. É representado pelo ‘servo’ que é capaz de se ajoelhar e lavar os pés aos discípulos. Ele veio para servir e não para ser servido. Dizia Baden-Powel, no referido testamento: “O *melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros. Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes e, quando chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo e fizestes todo o possível por praticar o bem. Estai preparados desta maneira para viver e morrer felizes […], e Deus vos ajude a proceder assim*”.

**3. Com(o) Maria, Mãe do Escuta, no caminho da alegria!**

1. A alegria de estarmos juntos, como canta o salmista: “*Oh como é belo e agradável ver os irmãos reunidos em harmonia*” (Sal 133,1); fazer do Agrupamento uma comunidade onde todos se sintam em casa;
2. A alegria de crescer, como Jesus, em três dimensões: “*em estatura, em sabedoria e em graça*” (Lc 2,52)! Como não valorizar esta alegria, que enche de brio e de brilho os olhos do coração dos pais e educadores, mas também das próprias crianças, adolescentes e jovens?
3. A alegria da partilha, porque, como disse Jesus, “há sempre mais alegria em dar do que em receber” (At 20,35); quanto podemos e devemos fazer na educação para a partilha e para o sentido da justiça e do bem comum, entre os escuteiros;
4. A alegria da amizade, porque é bom termos alguém que caminha ao nosso lado! Esta amizade tem expressão diferente na relação entre escuteiros e na relação dos Chefes com estes. Por isso Jesus pôde dizer: “chamei-vos amigos, porque Vos dei a conhecer tudo o que recebi de meu Pai” (Jo 15,15)
5. A alegria da simplicidade, porque só um coração simples é capaz de alegria (cf. Mt 5,3.8);
6. A alegria da criação, porque a criação é a dança de Deus, cuja sabedoria eterna brinca e se deleita em estar no meio dos homens (Prov 8, 22-31); o cuidado da casa comum é uma das fontes de alegria e é também uma expressão nova das obras de misericórdia, como nos recordou há dias (1 de setembro) o Papa;
7. A alegria da boa ação, a alegria do trabalho e do dever cumprido, que nos dá uma grande paz de consciência e de coração (Lc 17,10), fazendo tudo, como se tudo dependesse de mim, mas confiando na graça de Deus, como se tudo dependesse d’Ele;
8. A alegria da vocação, porque é belo ser chamado pelo nome e porque *a escuta* do meu nome é a melhor melodia do coração: “Chamei-te pelo teu nome; és meu”, diz o Senhor a Isaías (Is 43,1);
9. A alegria da missão, porque é “doce e reconfortante a alegria de evangelizar” (E.G. 9; E.N.80), como nos recordou Paulo VI e agora tão insistentemente o Papa Francisco.
10. A alegria do sonho, quando este se torna realidade: a alegria de uma casa comum.

**HOMILIA NO XXVII DOMINGO COMUM C 2013**

**I.** «*Aumenta a nossa fé!*» Eis a súplica, que repetimos, a rezar ou a cantar, mil vezes e sem cessar, ao longo deste Ano da Fé!

**«*Aumenta a nossa fé!*»** é o clamor dos Apóstolos, cuja fé da infância, do catecismo e da religião antiga, já não basta, para abraçar os desafios do Mestre e segui-l’O até ao fim, no caminho da Cruz.

**«*Aumenta a nossa fé!*»** é a súplica que se depreende das palavras do Apóstolo a Timóteo, quando o desafia a reacender a chama do primeiro chamamento, e a dar testemunho audaz, de uma fé destemida e sem vergonha de Cristo e do seu evangelho!

**«Aumenta a nossa fé»** é o grito, que brota do desabafo do profeta Habacuc, que é a voz de todos os pobres, dos cansados de sofrer, e dos que se sentem confundidos com o silêncio de Deus!

«**Aumenta a nossa fé»** é afinal a prece comum de todos os que estão em estado de choque, abalados e abanados, pela notícia de uma doença incurável, de uma morte precoce, ou que experimentam, na própria carne, ou na do próximo, uma dor lancinante, a escuridão do luto, o desespero de uma vida sem saída, enfim, a própria noite da fé.

**II.** Ora, é em momentos assim, de crise, que a nossa fé, pode verdadeiramente crescer! As próprias dúvidas fazem-nos experimentar que não somos capazes de fundar em nós próprios a vida, não somos capazes de possuir totalmente a verdade, e de dar resposta a todas as perguntas, pois “*mais do que possuirmo-la nós, é ela, [a verdade], que nos abraça e possui”* (Papa Francisco, Lumen Fidei 34). Nós sabemos que Deus está, mais no lugar de onde nascem as perguntas, do que em qualquer lugar onde encontrar as respostas! A fé não está, sequer, nas nossas afirmações ou dúvidas. Está sempre mais além: no próprio coração, que ninguém, a não ser Deus, conhece. Por outro lado, a própria dúvida, põe à prova a minha liberdade, pois ninguém mais poderá responder em meu lugar. Sou eu que me encontro, frente ao mistério da vida e do mundo, e tenho que pronunciar: ou um “sim” ao mistério de Deus e ao sentido oculto da vida… ou, pelo contrário, escolher “*o absurdo*”, que lança a minha vida, no caos do acaso. A fé é precisamente este abandonar-se confiadamente ao mistério de um Deus, maior que a nossa razão, maior que o nosso coração! Este fiar-se ou confiar-se ao poder e ao amor de Deus, este entregar-se ou abandonar-se às mãos benignas de Deus, é o mais genuíno da nossa fé, e é a máxima ousadia do homem livre!

**III.** Caríssimos irmãos e irmãs: Todos experimentaremos, cedo ou tarde, o momento em que a nossa fé perde o pé, não tem apoio, nem garantia, nem sinal, nem prova. É pura e simplesmente ato de confiança inquebrantável na justiça e na misericórdia de Deus, graça que nos faz viver e esperar, com paciência, o tempo determinado por Deus. Nessa hora, a fé é um dom que verdadeiramente se recebe e por isso mesmo se invoca. Como nos diz o Papa Francisco, “a *fé não é luz, que dissipe todas as nossas trevas, mas lâmpada que guia os nossos passos na noite, e isto basta para o caminho. Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta, sob a forma de uma presença, que o acompanha, de uma história de bem, que se une a cada história de sofrimento, para nela abrir uma brecha de luz. Em Cristo, o próprio Deus quis partilhar connosco esta estrada e oferecer-nos o seu olhar, para nela vermos a luz*” (Papa Francisco, Lumen Fidei, 57).

Por isso, no meio da crise e do medo, do desânimo e do desespero, a fé torna-se o grande dom dos mais pequeninos, que se deve pedir, com insistência e humildade: «*Senhor, aumenta a nossa fé*». Aquele que reza assim é já um crente, que começou a crescer!

**Homilia no XXVII Domingo Comum C 2010**

***“Não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor”* (2 *Tim* 1,8)**

**1.** Afinal não há só a pobreza envergonhada, estigma social em crescente aumento, devido à presente crise económica e social. Há também, nesta velha Europa, na vida dos fiéis e das nossas comunidades cristãs, a expansão de uma «*fé envergonhada*»! Uma fé, que sobrevive do sentimento, mas sem alento, nem fermento capaz de transformar o mundo! Uma fé, sem ânimo, para marcar a diferença, num mundo sem alma. Enfim, uma fé envergonhada é uma fé, sem alegria, sem ardor, nem fulgor! Uma fé, sem pés para andar, sem mãos para servir.

**2.** Os Apóstolos, pelos vistos, experimentaram, como nós, «*um certo cansaço*» no caminho da fé! Perante as exigências radicais do Mestre, perante os indícios tão pequenos de progresso e de sucesso, eles acabam por se render e suplicar a Jesus: «*Senhor, aumenta a nossa fé*»!

**3.** E Timóteo, colaborador de Paulo não é excepção, entre os muitos desanimados e cansados, no bom combate da fé. Mais só, e agora sem Paulo, como seu mentor, Timóteo, que era o seu braço direito, sente-se muito abatido, cansado e apavorado, perante os que o desprezam, por causa da sua juventude. Muito trabalho, talvez, e pouco tempo para a vida espiritual! Paulo escreve-lhe uma Carta de estímulo, deixando-lhe várias exortações, das quais destacamos três, que agora nos são directamente dirigidas!

***Exorto-te a que reanimes o dom de Deus!* *(2 Tim 1,6)***

Paulo exorta o seu discípulo, como a nós, a deixar que o fogo do Espírito reacenda a graça da sua fé e da sua missão! Às vezes esquecemo-nos disto: a fé, por mais pequena que possa ser, é capaz de realizar as coisas mais inesperadas. Jesus desafia-nos a uma fé, capaz de esperar o imprevisível, de realizar o impossível, como «*plantar uma amoreira no mar*». Estamos já em Outubro, mês missionário por excelência. Não nos deixemos então abater pelo cansaço. É preciso «*reacender*» o dom da fé, e, a partir daí, reacender o «*ardor*» da missão! Quanto mais se abre à missão, mais a fé se fortalece. «*A missão é um problema de fé, é a medida exacta da nossa fé em Cristo e do seu amor por nós*» (João Paulo II, RM, 11).

***Não te envergonhes de dar testemunho de nosso Senhor (2 Tim 1,8)***

“*Os tempos que correm exigem um novo vigor missionário dos cristãos (…) Há necessidade de verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo, sobretudo nos meios humanos, onde o silêncio da fé é mais amplo e o profundo: os meios políticos, intelectuais, profissionais da comunicação*” (Bento XVI, Fátima, 13.05.2010).Aí,a tal fé envergonhada cala-se, por falsos respeitos humanos, com medo de ofender os outros. Temos medo de dar a cara, e não dizemos nada, para não nos incomodar, a nós e aos outros. No autocarro, na mesa de café, na conversa de rua, em casa e na empresa, quantas vezes nos envergonhamos de propor, a quem se cruza connosco, o sentido que a nossa fé cristã dá à vida e morte, ao casamento e à família, ao trabalho e ao serviço?! “*Na realidade, se não fordes vós as testemunhas de Cristo no vosso ambiente próprio ambiente, quem o será em vosso lugar*” (Bento XVI, Porto, 14.05.2010). O facto é que chegámos hoje a ter vergonha de usar as sãs palavras do evangelho, vergonha de propor a doutrina da Igreja, que nos foi confiada, com receio de parecermos uns tristes desalinhados! Ora a Missão passa por esse testemunho pessoal e corajoso da fé, feito não só de palavras sãs, mas de gestos, que marquem a diferença: servir com humildade, trabalhar de graça, fazer as coisas sem interesse, acolher os últimos, que a sociedade rejeita. Aliás, «*o cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor», «sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus, em que acreditamos*» (Bento XVI, DCE 31).

***Sofre comigo por causa e pela causa do evangelho!***

Não é possível cumprir este programa de missão, nos ambientes da nossa vida, sem aceitar passar pelo crivo do sofrimento. «*No nosso tempo, o preço que há a pagar, pela fidelidade ao evangelho, já não é ser enforcado, afogado, ou esquartejado mas, muitas vezes, significa ser excluído, ridicularizado ou parodiado*» Quem não o sente?! Mas, - dizia ainda o Papa no Reino Unido *- apesar disso, a Igreja não pode subtrair-se à missão de anunciar Cristo e o seu evangelho, como verdade salvadora, fonte da nossa felicidade definitiva*” (Bento XVI, 18-09-2010). Não podemos mesmo calar-nos! (cf. Act.4,20).

**4.** Irmãos e irmãs: Uma fé que não se apega, apaga-se! Para a reacender e aumentar, o primeiro esforço há-de ser o de a testemunhar e propor aos outros, como um dom, capaz de mudar radicalmente a nossa vida, como a de uma amoreira, plantada em alto-mar!

**Homilia no XXVII Domingo Comum C 2007**

**1.** «Até quando»? Pergunta com insistência, o Profeta, tomado pelo desânimo e por um inegável cansaço da fé! Ele clama, grita e chama, perante o inquietante silêncio de Deus! A sua fé dá já sinais de crise, diante do cenário perturbador da violência e da discórdia, da injustiça e da opressão, que parecem não mais ter fim. E Deus responde, não tanto para se justificar ou para se explicar, pois tampouco o homem teria alguma vez direito de julgar Deus, no tribunal humano da história. Na resposta, Deus fá-lo ver com clareza e escrever com letra legível, que agirá, a seu tempo. Pode tardar, mas não falhará, no seu amor pelos homens. Contra a pressa do Profeta, Deus desafia-o assim à confiança, à paciência e à resistência da fé. Se porventura nenhum sinal de esperança parece adivinhar-se, se não há indicadores seguros de confiança no futuro, então só a fé pode manter, de pé o Profeta, diante dos Homens e de joelhos diante de Deus. Só a fé permitirá ao Profeta esperar sem desesperar e acreditar sem vacilar. «*O justo viverá pela fé*». Em momentos de obscuridade, de aparente ausência ou silêncio de Deus, é preciso ir ao coração da fé, mergulhar a fé nas suas raízes, mais profundas. E deixar então que a fé brote do ouvir a Palavra, que a fé se torne a resposta, fiada e confiada, à Palavra deste Deus, sempre fiel.

**2.** Os Apóstolos experimentaram também «um certo cansaço» no caminho da fé. Ante as exigências radicais do Mestre, perante os indícios tão pequenos de progresso e de sucesso, eles acabam por se render e suplicar a Jesus: «*Senhor, aumenta a nossa fé*»! É como quem diz: “Senhor, ajuda-nos a ver a realidade, pelo olhar de Deus. Ajuda-nos a ver com largueza, o mais pequeno sinal. Ajuda-nos, Senhor, a confiar, sem reservas, no amor de Deus, a esperar pela sua hora, sem pressa e sem desânimo. Senhor, desperta! Não te esqueças da tua criatura”! E Jesus adverte os discípulos, através de uma imagem radical, para uma fé, que tem de pôr a confiança na pequenez quase invisível do grão de mostarda; é preciso confiar na vitalidade poderosa da mais pequena semente, do mais pequeno sinal. Jesus desafia a uma fé, capaz então de esperar o imprevisível, capaz de realizar o impossível, como «plantar uma amoreira no mar».

**3.** Timóteo não é exceção, entre os desanimados e cansados da fé. Na Carta, o Apóstolo exorta-o então a «reanimar» o dom de Deus; a deixar que o fogo do Espírito, reacenda a graça da sua fé e da sua missão.

**4.** Caros irmãos e irmãs. É preciso «combater o cansaço da fé» (Ratzinger), que parece ter tomado conta dos cristãos. Vivemos a fé, muitas vezes, como uma “pesada herança”, que não assumimos, nem rentabilizamos, ou, pior, que por vezes até destruímos e rejeitamos. Precisamos então de «reacender», de reanimar e de fazer crescer o dom da nossa fé. Às vezes esquecemo-nos disto: a Igreja está no mundo, para conduzir os homens à fé e ao conhecimento de Deus, para despertar a fé viva em Cristo vivo e torná-lo inesquecível.

**5.** Neste início da Semana da Educação da Fé, não percamos de vista, os caminhos do crescimento da fé, que a Liturgia da Palavra de Deus nos sugere, nomeadamente estes três:

1. ***O cultivo do silêncio orante***. Somos afinal tão lestos e arrogantes, nas perguntas que fazemos a Deus! E esquecemos o dever de calar, de modo que tais perguntas acabem por nos ser devolvidas e dirigidas a nós. Somos nós, no fundo, que estamos em questão, quando gritamos a Deus. O nosso grito a Deus deve ao mesmo tempo ser um grito que penetra o nosso próprio coração, para que desperte em nós a presença escondida de Deus. Para chegar aqui, é preciso vencer a moleza e tibieza, na nossa vida espiritual! O cansaço da fé, a que me referi, manifesta-se na dificuldade em suportar e cultivar o silêncio, no automóvel, em casa, a até na Igreja; cansaço que se traduz no desprezo pela Oração, pessoal, familiar e comunitária. Temos, na comunidade, tempos e espaços privilegiados para silenciar e escutar. E tão poucos fiéis a participar nos momentos de Oração semanal e da Adoração mensal, às terças-feiras. Sem Oração, a fé morre de frio; arrefece, drasticamente, “a temperatura” da nossa fé e esmorece, de imediato, a fortaleza do nosso testemunho, tímido e envergonhado.
2. ***A escuta assídua da Palavra de Deus***. A fé cristã vem do ouvir a Palavra de Deus (cf. Rom.10,17)! Importa, por isso, redescobrir a beleza e a riqueza, o saber e o sabor da Palavra de Deus. “Daí deriva, como sólida lógica da fé, o dever de reconhecer e garantir a prioridade da Palavra de Deus, na nossa própria vida de crentes, recebendo-a tal como a Igreja a anuncia, compreende, explica e vive”[[3]](#footnote-3). Para isto, não basta ouvir a Palavra de Deus, proclamada na Missa Dominical. Já seria bom, que a ouvíssemos, com atenção e de princípio ao fim. Mas mais ainda: que falta nos faz a familiaridade com a Bíblia e a Bíblia nas famílias! Como era importante descobrirmos juntos, a Bíblia, como livro de Oração. E são uma raridade, aqueles que aproveitam as oportunidades de um contacto orante com a Bíblia, todas as quartas-feiras. Não devia ser outro o propósito da nossa Catequese, senão este de ajudar a «guardar a boa doutrina» e assim educar na fé, isto é, na capacidade de escutar e de responder ao Senhor. Sem escuta da Palavra, a fé morre de sede!
3. **A participação fiel e ativa na Eucaristia**. «A Eucaristia é por excelência o mistério da fé, o resumo e a súmula da nossa fé. A fé da Igreja alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia» (Sac. Carit.6). Com que facilidade, faltamos à Missa, até por uma simples mudança de horário! Com que dificuldade, fazemos silêncio, escutamos, rezamos e participamos activamente na Eucaristia? E – não sem mágoa, me interrogo - não será sintoma do mesmo cansaço da fé, um desprezo tão grande, pela própria Missa, nos dias de semana? Não poderiam muitos dos fiéis redescobrir essa prática, como o «pão-nosso de cada dia» no caminho da fé?! Sem Eucaristia, a fé morre à fome! Graças à Eucaristia, a fé nasce e renasce, com novo ardor e outro vigor!

Até quando, Senhor, a nossa fé, viverá neste cansaço? Como os apóstolos nós vos suplicamos: «*Aumentai, Senhor a nossa fé*». E para que não desfaleça a fé, com que oramos, oremos!

**Homilia no XXVII Domingo Comum C 2004**

*Semana Nacional da Educação Cristã \* Início de Ano Pastoral 2004-2005*

1. «*Aumenta a nossa fé*». Da parábola da amoreira, como resposta ao pedido dos apóstolos, pode deduzir-se que a fé é uma *pequena semente* lançada à terra *que germina, cresce, amadurece e dá fruto*. A fé é afinal um dom que pode aumentar!

2. Perguntamo-nos, então hoje, quais os *meios de crescimento da nossa fé*? Como *reacender* o dom da nossa fé? Eu diria que é preciso *cultivar a fé* em todas as suas dimensões. A fé implica ser *conhecida, celebrada, vivida e feita oração* (D.G.C. 84). Senão vejamos:

***a)*** Na sua raiz, a fé o que é? É a resposta que damos à *Palavra de Deus*, que primeiro se nos revela e interpela. Por isso, para conhecer, esclarecer e formar a nossa fé é preciso ouvir a Palavra, compreendê-la, para a meditar e praticar. Vão nesse sentido, o esforço da Catequese, da pregação, e os encontros da *Leitura orante da Bíblia*. E porque não podemos esquecer os adultos, propusemos a Catequese de adultos.

Não queria esquecer ainda, no âmbito do *conhecimento e da doutrina da fé*, a importância das aulas de ***Educação Moral e Religiosa***, para uma síntese entre a fé, a cultura e a vida, de modo a dar aos alunos uma visão cristã do homem, da sociedade e do mundo, orientando-os para um projeto de vida e para uma escolha vocacional mais fundamentada.

Em resumo, a fé dirige-se à nossa inteligência e precisa de ser ***conhecida*** nas suas razões. Ora a sua fonte é a Palavra de Deus. Ninguém mantém firmes as raízes da fé, se desliga a sua procura dessa fonte. Por isso, São Paulo exortava: *Toma como norma as sãs palavras que me ouviste e guarda a boa doutrina*!

***b)*** Mas, na sua estrutura, a fé alimenta-se e revigora-se, como a árvore da sua seiva, na experiência da ***oração e da celebração dos sacramentos***. A fé que se pensa e se professa, é também *a fé que se celebra e reza*. Vão nesse sentido todas as nossas iniciativas tendentes a valorizar e a dignificar a celebração e a participação na Eucaristia, coração palpitante da vida da Igreja.

***c)*** Esta fé que se professa, que se celebra e reza, é também a fé que se ***vive e testemunha***. “*Não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor”!* Pois «a *fé que não se apega, apaga-se*». A vida cristã transmite-se pelo testemunho dos crentes: dos pais, dos catequistas, dos educadores, do pároco… O testemunho autêntico é uma porta aberta da fé para os outros. O *ambiente educativo* da Família, da Escola, da Paróquia é, por isso, fundamental e decisivo no *crescimento* da fé.

***d)*** A fé, ainda assim, não é uma *aventura individual*; ***é uma fé partilhada***, é a *fé da Igreja*, vivida por cada um, no seio de uma comunidade. Os encontros mensais de casais e sobretudo as visitas às famílias pretendem desenvolver este espírito de Igreja na família e este espírito de família na Igreja, de modo a *fazer da Paróquia uma família de famílias*. Só nesta comunhão, podemos crescer juntos na fé.

***3.*** De certo modo a fé há de *traduzir-se e testar-se* ***num serviço concreto***. Não há melhor meio de fidelizar a nossa amizade com Cristo e a nossa comunhão com a Igreja, do que encontrar na comunidade um serviço, por pequeno e simples que seja, que nos obrigue a estar e a dar, que nos discipline na presença e na participação, que nos acorde e recorde, cada dia, para as exigências da nossa fé. Vejamos: (ENUMERAR NECESSIDADES PASTORAIS)

**4.** Uma comunidade *de fé* como esta sempre pronta a receber a Eucaristia, e cada vez mais exigente na qualidade dos serviços que lhe são prestados (desde a Catequese, à Liturgia, aos Sacramentos e à Caridade), não vê que deve colaborar, participar, disponibilizar-se para o que for preciso? Que estas realidades e estas necessidades, nos façam pensar, suplicar e pedir, sem desesperar nem desanimar: *Aumentai, Senhor, a nossa fé.* E aumentarão também os seus frutos!

Homilia no XXVII Domingo Comum C 2001

I. «*Aumenta a nossa fé*». É o clamor dos Apóstolos, pequenos, *como grão de mostarda*, diante dos grandes desafios do Mestre, *servos inúteis*, face a um mundo que lhes parece tirar a terra de baixo dos pés.

«*Aumenta a nossa fé*» é o grito dos pobres, que se sentem confundidos com o silêncio de Deus, diante das injustiças humanas. A própria fé recua à medida que o mal avança. E entra em crise, quando se chega hoje a exclamar: *Estamos sem notícias de Deus*.

«*Aumenta a nossa fé*». É a expressão do desejo de todos quantos não compreendem a ausência de Deus ou a sua expulsão do cenário deste mundo, a par da crescente vitória do mal, sobre a terra. Se Deus existe, porque não vê? Se vê, porque não actua? Se actua, porque demora?

«*Aumenta a nossa fé*» é afinal a prece comum de todos os que são chocados e provocados pelo sofrimento do próximo ou abanados e provados pela sua própria dor.

A fé, tão frágil e tão sem raízes, ao mínimo vento da provação, parece arrancada da nossa vida. O homem continua então, como o profeta Habacuc, a perguntar por Deus, a falar-Lhe demasiado alto, a culpá-l’O de tudo, e a si mesmo de nada. E, no desencanto da sua fé cansada e descansada, ele continua a perguntar-se: *Que é feito de Deus*?

**II.** A fé, no meio da noite, quando perde, por um tempo, a ligação com a luz do divino, tem de vergar-se até ao chão da sua pequenez. Há-de chegar *(e chega muitas!)* vezes o momento em que a fé não tem apoio, nem garantia, nem sinal, nem prova... É pura e simplesmente «*fé*», acto de confiança inquebrantável na justiça de Deus... uma graça que nos faz viver e esperar com paciência o tempo determinado por Deus. Nessa hora, a fé é um dom que verdadeiramente se recebe. Por isso, no meio da crise e do medo, do desânimo e do desespero, a fé torna-se, para todos, um dom que se há-de pedir, com muita insistência e humildade. «*Aumenta a nossa fé*».

**III**. Mas quais os meios de crescimento da nossa fé? *(Sobretudo quando ela parece apagar-se, em momentos de desencanto e desconcerto!)* Como *reacender* o dom da fé, como fazer soprar o fogo do Espírito das cinzas do chão da nossa miséria? Eu, retomaria, alguns conselhos do Apóstolo Paulo a Timóteo e sugeriria três atitudes:

### Escuta da Palavra e Catequese

*1. Toma como norma as sãs palavras que me ouviste e guarda a boa doutrina*. Dito de modo simples, põe-te, de ouvido inclinado, sob a escuta da Palavra.

No turbilhão da crise, a fé do homem precisa mais de ouvir que de perguntar. Mais de pôr-se à escuta, do que pôr em questão. Mais de perscrutar os apelos, do que exigir respostas. «*Hoje, se escutardes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações*» (Sal. 94,8). A fé vem do ouvir (*fides ex auditu*). Vem da escuta humilde do rumor silencioso dos passos de Deus. Vem da leitura orante da Palavra de Deus. Da sua meditação assídua. Só aí a fé pode lançar raízes profundas, curar--se das feridas, em vez de crescer pela rama seca dos sentimentos, dos velhos medos e das crenças antigas...

*Testemunho e Serviço*

*2. Não te envergonhes de dar testemunho de Nosso Senhor!* Ou, como dizia o nosso Pe. António Vieira, «*a fé que não se apega, apaga-se*».

De certo modo a fé há-de traduzir-se e testar-se num serviço concreto. Não há melhor meio de fidelizar a nossa escuta da Palavra, a nossa amizade com Cristo e a nossa comunhão com a Igreja, do que encontrar na comunidade um serviço, por pequeno que seja, que nos obrigue a estar e a dar, que nos discipline na presença e na participação, que nos acorde e recorde, cada dia, para as exigências da nossa fé. E no fim dizer: «somos inúteis servos. Só fizemos o que devíamos fazer»...Pois «a *fé sem obras está pura e simplesmente morta»!*

*Sofrimento*

*3.* *Sofre comigo pelo Evangelho, confiado no poder de Deus*! Também o sofrimento purifica a nossa fé, faz cair e ruir as nossas falsas imagens de Deus para nos conduzir ao Cristo da Cruz, único Deus vivo e verdadeiro. Também o sofrimento é fonte de aproximação entre os seres e fonte da verdadeira sabedoria da fé.

**IV.** *Os Apóstolos disseram ao Senhor: Aumenta a nossa fé!*  Eis a prece dos que verdadeiramente querem começar a crer! A ouvir, a seguir, a servir! E a sofrer, por e pela causa do Evangelho. *Senhor, aumenta a nossa fé!*

Homilia no XXVII Domingo Comum C 1998

# **1.** *Que é feito de Deus*? Pergunta a fé inquieta do homem. Parece que Deus foi abandonando um mundo, que decidiu governar-se sem Ele. As injustiças, a violação dos direitos humanos, a destruição e a divisão dos países pobres... as nossas próprias desgraças, conduzem-nos à pergunta: *que é feito de Deus*? Se existe, porque não vê? Se vê, porque não actua? Se actua, porque demora? A impotência de Deus, o seu silêncio, a sua resposta demorada, escandalizam o homem apressado deste tempo. A própria fé recua à medida que o mal avança. E entra em crise, quando se chega hoje a exclamar: *Estamos sem notícias de Deus*. E então uma imensa tristeza nos possui. A rapidez com que a história rola quase não deixa perceber o que se passa. A fé, tão frágil e tão sem raízes, ao mínimo vento da provação, parece arrancada da nossa vida. O homem continua então, como o profeta Habacuc, a perguntar por Deus, a falar-lhe demasiado alto, a culpá-lo de tudo, e a si mesmo de nada. E, no desencanto da sua fé cansada e descansada, ele continua a perguntar-se: *Que é feito de Deus*?

**2.** No turbilhão da crise, a fé do homem precisa mais de ouvir que de perguntar. Mais de pôr-se à escuta do que pôr em questão. Mais de perscrutar os apelos do que exigir respostas. «*Hoje, se escutardes a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações*» (Sal. 94,8). A fé vem do ouvir (*fides ex auditu*). Vem da escuta humilde do rumor silencioso dos passos de Deus. Vem da leitura orante da Palavra de Deus. Da sua meditação assídua. Só aí a fé pode lançar raízes profundas, em vez de crescer pela rama seca dos sentimentos, dos velhos medos e das crenças antigas... Escutar o silêncio de Deus e perceber, na luz da sua Palavra, porque será que é assim... e nos fala deste modo?!...

**3.** Na partilha da Palavra que se escuta, Deus vai-nos revelando o sentido de todas as coisas e o alcance de todos os acontecimentos. Vai-nos dizendo que também Ele, e em primeiro lugar, deseja o mundo novo. E sofre com o mundo velho. Mas que o constrói, connosco e não por cima de nós. Ao ritmo lento e demorado da nossa conversão e não à velocidade louca das nossas pressas. A salvação que Deus opera na história por nós, não se faz sem nós. A fé, no meio da noite, quando perde, por um tempo, a ligação com a luz do divino, há-de vergar-se até ao chão da sua pequenez. E descobrir, no rés-do-chão deste mundo, que há um agir escondido e misterioso de Deus, que só os olhos da fé podem captar. Porque Deus é fiel até ao fim. Apesar dos sobressaltos da história, ele domina-a. Deus atravessa a nossa história com as peugadas silenciosas com que sempre atravessou os tempos. Há sementes do Verbo a crescer, gérmenes do reino a florescer, lá onde menos pensamos, lá onde nos pareceria de todo impossível, como a *amoreira plantada no mar*.

**4.** E só a tal «*fé que vem do ouvir*» pode dar-se conta da passagem de Deus e do seu cruzar-se com as nossas vidas. E só a fé que se dispõe ao serviço inútil das coisas mais pequeninas, como o grão de mostarda, é que pode crescer e resistir ao vendaval de todas as crises. Nunca será de mais rezar e pedir: *Senhor, aumenta nossa fé!*

**Homilia no XXVII Domingo do Tempo Comum C 1995**

Bem sei que não dispomos no mercado de um termómetro da fé, que pudesse medir e avaliar a fé de cada um. E quando cada um diz que tem «a sua fé» e que essa é que o há de salvar, ficamos desde logo desarmados para qualquer diálogo sobre a fé. Mas a palavra de Deus deixa-nos algumas pistas para que cada um reveja a sua própria fé e assim se confronte:

***1. Primeiro***, a fé é acolher a iniciativa de um Deus imprevisível, Deus do imprevisto, de um Deus que tem o seu ritmo de resposta, os seus planos, o seu «*timing*», como agora se diz. Ele actuará e não falhará. Mas quando? Como? E porque não agora e já? E porquê só depois de nós? Ter fé não é dominar Deus, com o nosso esforço religioso. É entregar-se a este Deus, com toda a confiança. Não porque Ele nos faça a vida fácil, como se a fé fosse um *«seguro de vida»,* mas porque só Ele sabe o melhor para nós e atua em nosso favor no tempo oportuno. E, na verdade, a vida sorri mais facilmente para os que não creem, exatamente porque não se lhes põem as exigências com que nos deparamos. A fé implica aceitar Deus como Deus, Deus da surpresa, Deus da paciência. Um Deus que não é imediato na sua resposta. Não é uma central eletrónica que regista os dados e logo os descodifica, respondendo de imediato. Não. Ter fé é humildemente acolher a iniciativa de Deus, submeter-se aos seus insondáveis desígnios e acreditar que Ele não está «fora de jogo» mas que entra em campo no momento certo.

***2. Segundo***, se Deus nos sustém no seu amor e disso estamos certos, ter fé não é «meter a moedinha no Céu e receber o produto na Terra». Não é um negócio entre duas partes. É correr o risco de entregar a vida e ser fiel dia a dia, saber esperar pacientemente. A fidelidade quotidiana supõe a consciência de que Deus não falha, é fiel, e por isso esperamos serenamente que Ele se manifeste. Não desesperamos. Porque sabemos que a nossa vida não está entregue ao acaso, ao nada...Está em Deus.

***3. Terceiro***, esta fé assim reveste-se de uma confiança ilimitada, filial, no Deus que é Pai e em Jesus deu a Vida por nós. Para resistir em cada dia à *demora* de Deus, só esta confiança plena em Deus nos pode animar. A fé é assim uma adesão do coração, da inteligência e da vontade, à presença de Deus. O que é bem diferente de uma fé electrónica, tipo *telecel*, que resolve todos os problemas...Porque não pedimos a Deus para nos subtrair às dificuldades mas para nos dar a força de as assumir.

Esta fé é dom, graça. Exige o mergulho do nosso ser no imenso mistério de Deus. Por isso resta-nos pedir: «Senhor, aumenta a nossa fé»! E para que não desfaleça a fé com que oramos, oremos!

Homilia na Missa com os Lobitos / Lubiest

**XXVII Domingo Comum C**

**Um pedido e uma atitude**

**1.** O Evangelho de hoje divide-se em duas partes distintas, que se resumem, afinal, num pedido do coração e numa atitude de vida:

1. O Pedido, que vem do fundo do coração é este: «Senhor, aumenta a nossa fé»!
2. A atitude de vida é o serviço humilde aos demais: “somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer”!

**Fé e serviço**

**2.** Vejamos melhor estas duas partes:

**2.1. A fé** é realmente uma bênção, um dom, uma dádiva. Não ter fé, é como andar às escuras. E nem sempre é fácil acreditar, quando não há sorte, quando não há sucesso… quando tudo parece escuro…

Baden-Powel, o fundador do Escutismo, disse-o muito bem: “*O homem de pouco vale, se não acreditar em Deus e obedecer às suas leis. Por isso todo o escuteiro deve ter uma religião!*”

Quando faleceu no Quénia, a 8 de Janeiro de 1941, deixou uma “última mensagem”, onde se encontram as seguintes frases, bem identificativas da “*alma do Escutismo”:* “Creio que Deus nos colocou neste mundo encantador para sermos felizes e apreciarmos a vida. A felicidade não vem da riqueza, nem simplesmente do êxito de uma carreira, nem dos prazeres. […] O estudo da natureza mostrar-vos-á as coisas belas e maravilhosas de que Deus encheu o mundo para vosso deleite”. […]. As suas palavras, começam por «creio».

Toda a sua vida, é um ato de fé. Ele vê o mundo, a natureza, os outros, à luz da Fé. A fé ilumina todo o seu modo de ver, de estar e de viver.

**2.2.** A atitude mais nobre do crente é o serviço: somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer! Somos «inúteis», não antes de fazer; mas só depois de tudo fazer. A atitude que Jesus nos sugere é a do serviço humilde, a do servo. Na parábola, Jesus não é representado pelo ‘amo’ altivo e ditador. É representado pelo ‘servo’ que é capaz de se ajoelhar e lavar os pés aos discípulos. Ele veio para servir e não para ser servido.

Dizia Baden-Powel, no referido testamento: “O melhor meio para alcançar a felicidade é contribuir para a felicidade dos outros. Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes e, quando chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo e fizestes todo o possível por praticar o bem. Estai preparados desta maneira para viver e morrer felizes […], e Deus vos ajude a proceder assim”.

Neste ano centenário, saudamos todos os escuteiros portugueses, do Corpo Nacional de Escutas e das outras Associações que seguem a pedagogia de Baden-Powell, reiterando a nossa admiração pela extraordinária obra realizada e a nossa confiança quanto ao futuro. Mas, ao mesmo tempo, queremos propor-vos como modelo de fé e de serviço humilde, a figura do vosso patrono, São Francisco (1182-1226), nos 800 anos da sua conversão, aos 25 anos (1207-2007). Vós conheceis, por certo, a sua vida. Eu destacaria apenas algumas coisas, de São Francisco, como homem de fé e de serviço:

**3. Francisco, Homem de fé e de serviço**

**3.1. Homem de fé**

**3.1.1. Francisco era um verdadeiro apaixonado por Jesus**. Encontrava-o na Palavra de Deus, nos irmãos e na natureza, mas sobretudo na sua presença eucarística. A este propósito, escrevia no *Testamento:* "Do mesmo altíssimo Filho de Deus, nada mais vejo corporalmente neste mundo, a não ser o seu santíssimo corpo e o seu santíssimo sangue" (*2 Test* 10: *FF* 113). Com Paulo, ele podia realmente dizer: "Para mim, viver é Cristo" (*Fl* 1, 21). Se se despoja de tudo e escolhe a pobreza, o motivo de tudo isto é Cristo, é somente Cristo. Jesus é o seu tudo: e basta-lhe!

3.1.2. **Francisco era um homem da Igreja.** Do Crucifixo de São Damião, ele recebeu esta indicação: "Vai, Francisco, repara a minha casa" *(2 Cel* I, 6, 10: *FF* 593). Ele recebe o mandato de reparar a casa de Cristo, que é precisamente a Igreja. *O jovem Francisco sentia um afecto verdadeiramente filial pelo seu Bispo, e foi nas suas mãos que, despojando-se de tudo, fez a profissão de uma vida já totalmente consagrada ao Senhor (cf. 1 Cel* I, 6, 15: *FF* 344). Sentia de modo especial a missão do Papa, a quem submeteu a sua Regra e confiou a sua Ordem.

**3.1.3.** O amor de Francisco por Jesus dilata-se não apenas na Igreja, mas em todas as coisas, vistas em Cristo e por Cristo.

Daqui nasce o Cântico das Criaturas, em que o olho descansa no esplendor da Criação: do irmão sol à irmã lua, da irmã água ao irmão fogo. O seu olhar interior tornou-se assim puro e penetrante, a ponto de vislumbrar a beleza do Criador na beleza das criaturas. O Cântico do irmão sol, antes de constituir uma elevadíssima página de poesia e um convite implícito ao respeito pela Criação, é uma oração, um louvor que se dirige ao Senhor, ao Criador de todas as coisas.

Francisco de Assis é um grande educador da nossa fé e do nosso louvor. Apaixonando-se por Jesus Cristo ele encontrou o rosto de Deus-Amor, tornou-se seu apaixonado cantor, como verdadeiro "bobo de Deus".

* 1. **Humilde servo**

No final do seu testamento, Francisco exibe este título: “E eu irmão Francisco, pequenito, vosso servo”. A pequenez é uma das características essenciais do serviço. Francisco orgulha-se de pertencer à categoria dos «servos inúteis» e encontra a sua alegria em sê-lo. Ele recusa-se a ajoelhar-se diante dos poderosos, mas inclina-se e rebaixa-se diante dos pobres e dos mais humildes.

**Em Rivotorto**, segundo a tradição, estavam reunidos os leprosos: os últimos, os marginalizados, em relação aos quais Francisco experimentava um irresistível sentido de repugnância. Sensibilizado pela graça, ele abriu-lhes o seu coração. E fê-lo não somente através de um misericordioso gesto de esmola; seria demasiado pouco, mas beijando-os e servindo-os. Ele mesmo confessa que aquilo que antes lhe resultava amargo, se lhe tornou "doçura de alma e de corpo" (*2 Test* 3: *FF* 110). Não fazia aquilo para cumprir a «boa acção do dia».

Servir os leprosos, chegando a beijá-los, não foi só um gesto de filantropia, «a boa acção do dia», mas uma verdadeira experiência religiosa, comandada pela iniciativa da graça e pelo amor de Deus: "O Senhor - diz ele - conduziu-me ao meio deles" *(2 Test* 2: *FF* 110). Foi então que a amargura se transformou em "doçura de alma e corpo" *(2 Test* 3: *FF* 110).

**4.** 100 anos de Escutismo, 800 anos da conversão de São Francisco

Queridos lobitos e dirigentes: Tendes como fundador Baden-Powel, e como patrono de secção São Francisco de Assis. Ia pedir-vos duas coisas:

1. Fazei do escutismo, uma Escola de educação humana e de crescimento na fé. Há uma convergência natural entre o ideal escutista e o cristianismo». … A fé cristã fortalece o projeto escutista e o escutismo favorece o crescimento da fé cristã. Por isso, crescei na fé. Uma fé, como a de São Francisco: uma fé, iluminada pelo Evangelho, alimentada pela Eucaristia, guiada pela Igreja, testemunhada na caridade…
2. Com a vossa jovialidade e alegria, ajudai a «restaurar» a «Casa» da Igreja. Sede puros, livres, alegres, construtivos, serviçais, e a Igreja de amanhã, será mais bela, mais serva, mais humilde, enfim, mais santa.

**5.** Deste modo, honrareis, fielmente, o vosso fundador e o vosso patrono. E abrireis as portas a Cristo, que vos ama e vos chama ao seu serviço. Estai sempre alerta!

**ATÉ QUANDO, SENHOR?**

Num lugar como este faltam as palavras, no fundo pode permanecer apenas um silêncio aterrorizado um silêncio que é um grito interior a Deus: Senhor, por que silenciaste? Por que toleraste tudo isto? É nesta atitude de silêncio que nos inclinamos profundamente no nosso coração face à numerosa multidão de quantos sofreram e foram condenados à morte; todavia, este silêncio torna-se depois pedido em voz alta de perdão e de reconciliação, um grito ao Deus vivo para que jamais permita uma coisa semelhante.

Sobressai sempre de novo a pergunta: *Onde estava Deus naqueles dias?* Por que Ele silenciou? Como pôde tolerar este excesso de destruição, este triunfo do mal? [Vêm à nossa mente as palavras de Habacuc: «Até quando chamarei por vós e não me ouvis»? Este grito de angústia que Israel sofredor eleva a Deus em períodos de extrema tribulação, é ao mesmo tempo um grito de ajuda de todos os que, ao longo da história ontem, hoje e amanhã sofrem por amor de Deus, por amor da verdade e do bem; e há muitos, também hoje.

Nós não podemos perscrutar o segredo de Deus; vemos apenas fragmentos e enganamo-nos se pretendemos eleger-nos a juízes de Deus e da história. Não defendemos, nesse caso, o homem, mas contribuiremos apenas para a sua destruição. Não, em definitivo; devemos antes elevar um grito humilde mas insistente a Deus: «Desperta! Não te esqueças da tua criatura, o homem!» E o nosso grito a Deus deve ao mesmo tempo ser um grito que penetra o nosso próprio coração, para que desperte em nós a presença escondida de Deus para que aquele seu poder que Ele depositou nos nossos corações não seja coberto e sufocado em nós pela lama do egoísmo, do medo dos homens, da indiferença e do oportunismo.

Emitamos este grito diante de Deus, dirijamo-lo ao nosso próprio coração, precisamente nesta nossa hora presente, na qual incumbem novas desventuras, na qual parecem emergir de novo dos corações dos homens todas as forças obscuras: por um lado, o abuso do nome de Deus para a justificação de uma violência cega contra pessoas inocentes; por outro, o cinismo que não conhece Deus e que ridiculariza a fé n'Ele.

Nós gritamos a Deus, para que impulsione os homens a arrepender-se, para que reconheçam que a violência não cria a paz, mas suscita apenas outra violência uma espiral de destruição, na qual todos no fim de contas só têm a perder.

O Deus, no qual nós cremos, é um Deus da razão mas de uma razão que certamente não é uma matemática neutral do universo, mas que é uma coisa só com o amor, com o bem. Nós rezamos a Deus e gritamos aos homens, para que esta razão, a razão do amor e do reconhecimento da força da reconciliação e da paz prevaleça sobre as ameaças circunstantes da irracionalidade ou de uma falsa razão, separada de Deus.

Bento XVI, **NA VISITA AO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE AUSCHWITZ-BIRKENAU**

1. **Batismos na Senhora da Hora 2025:** chegaremos aos 78. Com exceção do ano 2020 (pandemia) é o número mais baixo de sempre. O mais alto, desde 2008, foi de 157, em 2017. Nas **Escolas da área geográfica da Paróquia da Senhora** da Hora, entre o 1.º ano e o 9.º ano, temos **1522** alunos inscritos. Inscritos na Catequese temos, nos anos correspondentes, **395**: são apenas 25,95%.

   **Batismos em Guifões em 2025:** chegaremos aos 15, o número mais baixo de sempre. Há 10 anos, em 2015, tivemos 67; em 2020, ano da pandemia, tivemos 27 e em 2021 tivemos 36. Nas **Escolas da área geográfica da Paróquia de Guifões**, entre o 1.º ano e o 9.º ano, temos 681 alunos. Inscritos na Catequese, nos anos correspondentes, temos **117** catequizandos: equivale a 17.18%. [↑](#footnote-ref-1)
2. Seguimos, bem de perto, a Homilia do Papa Francisco, na Oração de Vésperas, no início do *Outubro Missionário Extraordinário*, 1.10.2019. [↑](#footnote-ref-2)
3. Lineamenta da XII Assembleia do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, na vida e na Missão da Igreja, n. 11 [↑](#footnote-ref-3)